



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística
Rua Barão de Geremoabo, nº147 – CEP: 40170-290 – Campus Universitário Ondina - Salvador –Ba
Tel.: (71) 3263 – 6256 – Site: [http:// www.ppgll.ufba.br](http://www.ppgll.ufba.br) – E-mail: pgletba@ufba.br

MOACIR DA SILVA CÔRTEZ JUNIOR

**CLIVADAS E PSEUDO-CLIVADAS: UM ESTUDO DE SUAS REALIZAÇÕES
ESTRUTURAIS NO PORTUGUÊS RURAL AFRO-BRASILEIRO**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro
Co-orientador: Prof. Dr. Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

SALVADOR
2006



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística
Rua Barão de Geremoabo, nº147 – CEP: 40170-290 – Campus Universitário Ondina - Salvador –Ba
Tel.: (71) 3263 – 6256 – Site: [http:// www.ppgll.ufba.br](http://www.ppgll.ufba.br) – E-mail: pgletba@ufba.br

MOACIR DA SILVA CÔRTEZ JUNIOR

**CLIVADAS E PSEUDO-CLIVADAS: UM ESTUDO DE SUAS REALIZAÇÕES
ESTRUTURAIS NO PORTUGUÊS RURAL AFRO-BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro e Co-orientador: Prof. Dr. Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

SALVADOR
2006

AGRADECIMENTOS

A Deus que é a luz que me guia em todos os momentos de minha vida.

Ao meu filho que soube compreender minha ausência durante todo o tempo que dediquei a este trabalho.

Aos meus pais a quem devo minha existência.

À minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Ilza Ribeiro, que propiciou minha inserção na pesquisa científica desde a graduação, acreditando em minha capacidade e despertando meu senso crítico nas orientações que me concedeu.

Ao Prof. Dr. Dante Lucchesi pela co-orientação, pelos momentos produtivos de discussão em sala de aula e pelo apoio durante a produção desta pesquisa.

À FAPESB pelo apoio dado à pesquisa científica permitindo que novos horizontes sejam desvendados.

À colega Neila Santana, com quem dividi as angústias desse processo, além do apoio com o programa VARBRUL.

À colega gerativista Edivalda Araújo, pela revisão de algumas de minhas traduções de língua inglesa.

“Meu propósito não é ensinar aqui o método que cada um deve seguir para bem conduzir sua razão, mas somente mostrar de que modo procurei conduzir a minha”

René Descartes

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma análise das sentenças clivadas, pseudo-clivadas, e seus subtipos, sob a luz da teoria gerativa e da metodologia variacionista, em *corpora* dos dialetos rurais das comunidades de Helvécia, Rio de Contas, Sapé e Cinzento, no estado da Bahia, comparando seus resultados com os de outros estudos sobre o mesmo fenômeno. Além da análise dos padrões gerais de clivagem, mostra-se que funções são clivadas em cada um dos subtipos. Essa investigação, portanto, inseri-se na discussão da variação lingüística no português rural afro-brasileiro e procura oferecer mais alguns dados para a reflexão e debate sobre a realidade lingüística tão diversificada do português falado no Brasil, assim como fornecer elementos que contribuam para o estudo de sua constituição histórica.

Palavras-chave: Clivada. Pseudo-clivada. Português rural afro-brasileiro. Teoria Variacionista. Teoria Gerativa.

ABSTRACT

This dissertation presents an analysis of cleft and pseudo-cleft sentences, and their subtypes, in the light of the generative theory and the variationist methodology, in *corpora* of the countryside dialects of Helvécia, Rio de Contas, Sapé and Cinzento communities, in Bahia state, comparing its results with the ones of other works about the same phenomenon. Besides the analysis of the general cleft patterns, it is shown which functions are cleft in each of the subtypes. This investigation is therefore inserted within the discussion about linguistic variation in Brazilian-afro countryside Portuguese, and it aims to offer some more data for reflection and debate about the rather diverse linguistic reality in Brazilian spoken Portuguese, as much as to provide for elements which can contribute for the study of its historical constitution.

Keywords: Cleft. Pseudo-cleft. Afro-brazilian countryside Portuguese. Variationist theory. Generative linguistics.

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 1 – Informantes de Helvécia	34
Quadro 2 – Informantes de Cinzento	36
Quadro 3 – Informantes de Rio de Contas	37
Quadro 4 – Informantes de Sapé	39
Gráfico 1 – Total de ocorrências dos tipos de clivagem encontrados	61
Gráfico 2 – Atuação da variável faixa etária na estratégia de CLIV	83
Gráfico 3 – Atuação da variável faixa etária na estratégia de CLIV-inv	84
Gráfico 4 – Atuação da variável faixa etária na estratégia de PC	84
Gráfico 5 – Atuação da variável faixa etária na estratégia de PC-red	85
Gráfico 6 – Atuação da variável faixa etária na estratégia de CLIV-sem-cóp	85

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Total de ocorrências dos tipos de clivagem encontrados	61
TABELA 2 – Estrutura da pergunta nos contextos de clivagem	64
TABELA 3 – Tipo de estatuto da informação do constituinte focalizado nas sentenças clivadas	67
TABELA 4 – Estatuto sintático do constituinte focalizado em cada tipo de sentença clivada	71
TABELA 5 – Cruzamento do Estatuto focal com o tipo de Estatuto sintático do constituinte focalizado em cada tipo de sentença clivada	72
TABELA 6 – Animacidade do constituinte focalizado	77
TABELA 7 – Tempo do verbo copulativo nas clivadas	78
TABELA 8 – A distribuição das variantes segundo o gênero	82
TABELA 9 – A distribuição das variantes segundo a escolaridade	87
TABELA 10 – A distribuição das variantes segundo a estada fora da comunidade	88
TABELA 11 – Distribuição das variantes por comunidade	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O FENÔMENO DA CLIVAGEM	14
1.1 Tipos de Clivagem	14
1.1.2 As Sentenças Copulares Comuns SCC	19
1.1.3 Outros Tipos de Clivagem	21
1.2 O Estatuto Sintático do Constituinte Focalizado	26
1.3 A Função Pragmático-Discursiva das Sentenças Clivadas	27
1.4 A Interpretação Contrastiva e a Informacional nas Clivadas	30
1.5 Conclusão	31
2 METODOLOGIA	32
2.1 A composição dos <i>corpora</i> selecionados	32
2.2 A Descrição das comunidades	33
2.2.1 A comunidade de Helvécia	34
2.2.2 A comunidade de Cinzento	35
2.2.3 A comunidade de Rio de Contas	36
2.2.4 A comunidade de Sapé	38
2.3 A seleção dos dados investigados	39
2.3.1 Critérios para seleção dos dados	40
2.4 A variável dependente	42
2.5 As variáveis independentes	43
2.5.1. Estrutura da pergunta	43
2.5.3 Estatuto focal da clivada	45
2.5.4 Estatuto sintático do constituinte focalizado	46
2.5.5 Pessoa do discurso	47
2.5.6 Concordância verbal com a cópula	48
2.5.7 Concordância com o verbo da oração encaixada	48
2.5.8 Animacidade do termo focalizado	49
2.5.9 Tempo do verbo copulativo	49
2.5.10 Tempo do verbo da oração encaixada	50
2.6 As variáveis extralingüísticas	51
2.6.1 Gênero	51
2.6.2 A faixa etária	52

2.6.3 Escolaridade	52
2.6.4 Estada fora da comunidade	52
2.6.5 Localidade	53
2.7 A leitura das tabelas e o programa VARBRUL	53
3 ANÁLISE DOS DADOS	54
3.1 Os tipos encontrados	54
3.1.1 Os tipos de construções clivadas do PB rural	54
3.1.2 As estratégias de clivagem em Lambrecht	58
3.2 Os resultados computados pelo VARBRUL	60
3.2.1 Os resultados totais dos tipos de clivagem	61
3.2.2 Os resultados segundo a estrutura da pergunta	63
3.2.3 Os resultados segundo o estatuto focal	66
3.2.4 Os resultados segundo o estatuto sintático do constituinte focalizado	70
3.2.4 Os resultados segundo a animacidade do constituinte focalizado	76
3.2.5 Os resultados segundo o tempo do verbo copulativo	78
3.3 As variáveis sociais	81
3.3.1 Os resultados segundo o gênero	82
3.3.2 Os resultados segundo a faixa etária	83
3.3.3 Os resultados segundo a escolaridade	86
3.3.4 Os resultados segundo estada fora da comunidade	87
3.3.5 Os resultados segundo a distribuição por comunidade	89
CONCLUSÃO	90
REFERÊNCIAS	93

INTRODUÇÃO

A motivação inicial desta pesquisa tem origem na leitura de dois trabalhos sobre as estratégias de clivagem no português. No que diz respeito ao português europeu (PE), destacamos o estudo de Brito & Duarte (2003) para explicar a tipologia das construções de clivagem aceitas no PE. A partir desse estudo, observamos que o PE admite as seguintes estratégias de clivagem: a Clivada-básica; a Clivada-invertida; a Clivada-Q; a Pseudo-clivada-básica; a Pseudo-clivada-invertida e a Semi-pseudo-clivada-básica. Dos tipos listados pelas autoras, notamos a ausência da Clivada-sem-cópula, estratégia já identificada em trabalhos sobre clivagem no PB: Kato et alii (1996), Braga (1991), Modesto (2001), Kato e Ribeiro (2004), entre outros.

Com base nessas informações, decidimos, primeiramente, separar os tipos de clivagem atestados no português em dois grupos: as estratégias aceitas no PE, as que denominamos de “conservadoras”; a Clivada-sem-cóp, uma estratégia típica do PB, e a PC-red (esta por ter a propriedade de omitir um elemento, tal qual a CLIV-sem-cóp), denominamos de “inovadoras”. Observem os exemplos abaixo de clivadas *conservadoras* e *inovadoras* respectivamente:

Clivadas *conservadoras*:

- | | |
|---|-----------------------------------|
| a. Foi Luana que ligou o rádio. | Clivada-básica - CLIV |
| b. LUANA foi/é que ligou o rádio. | Clivada invertida – CLIV-inv |
| c. Quem ligou rádio foi Luana . | Pseudo-Clivada - PC |
| d. LUANA foi quem ligou o rádio. | Pseudo-Clivada invertida – PC-inv |

Clivadas *inovadoras*:

- | | |
|--|-----------------------------------|
| e. LUANA que ligou o rádio. | Clivada-sem-cópula - CLIV-sem-cóp |
| f. ? Ligou o rádio foi Luana ¹ . | Pseudo-Clivada - PC-red |

A outra motivação surgiu da leitura do estudo de Kato et alii (1996) sobre a clivagem no português brasileiro culto. O referido estudo utilizou-se das ocorrências de construções clivadas nos dados publicados do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo. As autoras observaram que a Clivada-básica foi a estratégia que apresentou a

¹ Mostraremos nos capítulos de explicação do fenômeno e de análise que algumas construções parecem estranhas ou incomuns para determinados tipos de clivadas.

frequência mais baixa em todos os tipos de discursos analisados: elocuições formais (EF); diálogo entre dois informantes (D2) e diálogo entre documentador e informante (DID).

Diante desse resultado, nossa proposta foi a de realizar um estudo sobre a clivagem em um *corpus* representativo de fala popular, uma vez que a pesquisa de Kato et alii (1996) foi desenvolvida em *corpus* de fala urbana culta. Para tanto, procuramos pelo que nos parecia ser o oposto de seu estudo, um *corpus* de fala popular rural. Escolhemos os *corpora* de fala rural afro-brasileira com a expectativa de testar os resultados apresentados por Kato et alii (1996), sobretudo para verificar se também no português rural a Clivada-básica seria uma estratégia de pouco uso. Nossa expectativa justifica-se pelo fato de que, embora saibamos que é possível se falar em uma gramática do português brasileiro, sabemos que cada comunidade de fala pode apresentar diferentes opções em relação a algumas de suas propriedades estruturais; assim, em diferentes comunidades podem concorrer gramáticas com algumas particularidades distintas em cada grupo.

A pesquisa foi desenvolvida a partir da análise dos *corpora* do português rural afro-brasileiro das comunidades de Helvécia, Cinzento, Rio de Contas e Sapé, todas situadas em municípios do estado da Bahia, e que compõem o Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia, coordenado pelo Prof. Dr. Dante Lucchesi no Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBa). Essas comunidades compartilham o fato de terem sido formadas por uma população de descendentes de escravos e ex-escravos, mantendo-se em quase isolamento, o que pode ter possibilitado a preservação de antigos hábitos lingüísticos determinados pelo contato entre línguas.

Levantamos 2 hipóteses iniciais de trabalho, apresentando o seguinte raciocínio:

- I- consideramos que a Clivada-sem-cópula é uma inovação do PB, já que está ausente no PE; (a) se a Clivada-sem-cópula também é atestada no português rural, de comunidades isoladas, pensamos que esta possibilidade estrutural pode ter surgido nos inícios da formação do PB; (b) se as pessoas mais velhas destas comunidades são usuárias da Clivada-sem-cópula, então podemos considerar este fato como confirmação da hipótese (a); (c) se pudermos considerar que (b) confirma (a), então é possível que a Clivada-sem-cópula resulte do processo de transmissão lingüística irregular, decorrente do contato entre línguas, como se deu no período de colonização do Brasil;

II- sabemos, pelo estudo de Kato e Ribeiro (2005), que as Clivadas-básicas são atestadas no PE desde o século XVII. Assim, com base nos resultados de Kato et alii (1996), de que as Clivadas-básicas são de pouca frequência no PB, levantamos a hipótese de que também o será no português rural, pois as Clivadas-sem-cópula devem resultar de uma reanálise destas.

Procuramos mostrar quais as opções de uso dos falantes do português rural para as estratégias de clivagem, analisando os contextos de realização dessas construções e verificando se existem particularidades em seu comportamento que possam caracterizar um traço mais específico dessa variante do PB.

No primeiro capítulo, definimos o tipo de estratégia de focalização sintática que é a clivagem, mostrando quais as características, formais e discursivas, compartilhadas entre as formas existentes no PB e em outras línguas. Apresentamos algumas análises da descrição sintática da clivagem, como a de Modesto (2001) e a de Kato et alii (1996), apontando em que se assemelham ou se opõem. São exemplificados também, neste capítulo, os tipos atestados no PB, no PE e em outras línguas, segundo Lambrecht (2001), como o francês, o inglês e o alemão. Mostramos quais funções sintáticas são preferidas nas estratégias de clivagem, além de sua relação com as interpretações de foco contrastivo e informacional.

Esclarecemos, no segundo capítulo, os passos da metodologia variacionista que seguimos nesta pesquisa: a composição dos *corpora* cedidos pelo Projeto Vertentes, um resumido relato dos fatos sócio-históricos que contribuíram para a constituição das comunidades rurais afro-descendentes analisadas, os critérios utilizados na coleta e análise dos dados, a descrição da variável dependente e das independentes e a seleção das variáveis pelo pacote de programas VARBRUL.

No terceiro capítulo, apresentamos os resultados, revelados na seleção pelo programa VARBRUL, dos dados considerados estatisticamente relevantes, além de alguns resultados, embora não selecionados pelo programa, que consideramos interessantes para interpretação, comparando-os com os de outros estudos sobre o mesmo fenômeno. Paralelamente, discutimos algumas das análises desenvolvidas nas pesquisas aqui apresentadas sobre o assunto e formulamos algumas explicações para as “fotografias” reveladas nos comportamentos das estratégias de clivagem no português rural.

No capítulo de conclusão, fazemos um resumo dos pontos mais importantes observados nesta análise, além de tecermos algumas considerações finais sobre determinados resultados aqui obtidos.

O objetivo maior com este trabalho é fornecer mais alguns dados que contribuam e estimulem a pesquisa em busca de desvendar a diversidade lingüística que caracteriza o português brasileiro.

1 O FENÔMENO DA CLIVAGEM

Neste capítulo, apresentamos a definição de sentenças clivadas, a classificação dos diferentes tipos, a função sintática do constituinte focalizado, a interpretação de foco informacional e de foco contrastivo e uma síntese da relação pragmático discursiva nas clivadas.

1.1 Tipos de Clivagem

As sentenças clivadas são definidas como um tipo de estratégia sintática que o falante faz uso para **focalizar**, ou seja, destacar um constituinte dentro da sentença. Em geral, apresentam-se em tipos que compartilham algumas características comuns, mas que também se diferenciam formal e discursivamente.

Pode-se desenvolver uma sentença clivada² a partir de uma oração simples ou sentença neutra, sem que seja alterado o valor de verdade expresso por ela. Observem-se os quatro tipos básicos de sentenças clivadas estruturados a partir da oração simples/sentença neutra descrita em (1):

- | | |
|---|-----------------------------------|
| (1) a. Zeca comprou <i>guaraná</i> . | Oração simples / Sentença neutra |
| b. Foi GUARANÁ que Zeca comprou. | Clivada-básica - CLIV |
| c. GUARANÁ foi/é que Zeca comprou. | Clivada invertida – CLIV-inv |
| d. O que Zeca comprou foi GUARANÁ. | Pseudo-Clivada - PC |
| e. GUARANÁ foi o que Zeca comprou. | Pseudo-Clivada invertida – PC-inv |

Como se pode observar a partir dos exemplos acima, a clivada-básica (CLIV), ilustrada em (1b), apresenta a primeira oração encabeçada pelo verbo copulativo “ser” (que de agora em diante chamaremos apenas de “cópula”), precedendo o constituinte focalizado em caixa ALTA; a segunda, uma oração subordinada introduzida por uma conjunção “que” (também denominada de complementador, do inglês “complementizer”). A construção em (1b) pode ser representada descritivamente como tendo a forma “ser+x+que”. A clivada invertida (CLIV-inv), exemplificada em (1c), contém o elemento focalizado no início da

² Neste trabalho, usarei o termo “sentença clivada” quando me referir à clivagem de um modo geral e o termo “clivada-básica” apenas para o tipo cuja estrutura está descrita em (1b).

sentença; seguido pela cópula e o complementador “que”, representada na forma “ser+que+x”.

A pseudo-clivada (PC) em (1d), ao contrário da CLIV, contém uma oração relativa no início de sua estrutura, seguida de uma oração introduzida pela cópula marcando o elemento focalizado, representada na forma “QU+ser+x”. A pseudo-clivada invertida (PC-inv) em (1e) também é iniciada pelo constituinte focalizado seguido pela cópula, tal qual a CLIV-inv; entretanto, contém um pronome relativo “o que” em lugar do “que” complementador. Apresentando-se descritivamente na forma “x+ser+QU”.

Kato et alii (1996), seguindo a proposta de análise das sentenças clivadas do português desenvolvida por Lopes Rossi (1994), incluem na denominação de CLIV-invs as sentenças PC-invs, explicando que, desse modo, reflete-se melhor o fenômeno sintático existente nas duas estruturas. Sendo assim, propõem dois tipos de CLIV-inv conforme a posição que o constituinte focalizado ocupa na estrutura da sentença. Isto é, se ocupar a posição de sujeito da sentença (em Spec de IP), fato que acarretará a concordância de número-pessoa da cópula, será denominada de clivada invertida sujeito (CLIV-inv-suj). Se o elemento ocupar uma posição acima da de sujeito, o que, segundo as autoras, justifica a falta de concordância da cópula e a possibilidade de focalização de adjuntos adverbiais, será denominada de clivada invertida foco (CLIV-inv-foc).

Para Modesto (2001), análises desse tipo desconsideram a alternância entre “que” (complementador) e “quem/o que” (pronome relativo), os constituintes que introduzem as sentenças encaixadas nas CLIVs e nas PCs, respectivamente. Logo, argumenta Modesto, as CLIVs e as PCs devem constituir classes diferentes de sentenças clivadas. A mesma alternância deve ser considerada nas análises de CLIV-inv e PC-inv. Neste trabalho, estamos considerando essa alternância na análise descritiva das sentenças clivadas, conforme a classificação ilustrada em (1).

Os exemplos de sentenças clivadas ilustrados em (1) representam os tipos mais básicos encontrados em diversas línguas de um modo geral. No entanto, há outras estratégias de clivagem que algumas línguas aceitam e outras não. Vejamos, por exemplo, outros tipos atestados no PB, conforme a descrição em (2):

(2) a. *É A SUZANITA quem quer casar.*

(MODESTO, 2001, p.22)

Pseudo-clivada-extraposta. PCE

b. (*O que*) Quero é que VOCÊ VÁ PRA CASA.

(KATO et alii, 1996, p.328)

c. (*Sou*) EU **que** entro.

(KATO et alii, 1996, p. 309)

Clivada-sem-cópula. CLIV-sem-cóp

Modesto (2001) atribui a denominação de Pseudo-clivada-extraposta para a sentença em (2a) ao fato de ocorrer um movimento da relativa (denominada de relativa livre) para uma posição no final da sentença. A presença desse movimento, caracterizado de movimento A-barra, segundo ele, é que faz gerar as leituras semânticas típicas da clivagem: contraste, exclusividade/exaustividade.

A sentença em (2b), segundo Kato et alii (1996), equivale a uma PC em sua forma plena, diferenciando-se apenas pelo apagamento do sintagma-QU³ após o movimento da relativa que ocupa a posição de sujeito, por isso chamada de pseudo-clivada-reduzida. Compare com o exemplo em (3), contendo a mesma sentença na forma de uma PC completa (cf. Kato et alii, 1996:328):

(3) a. **O que** quero é que VOCÊ VÁ PRA CASA.

Explicam que o fenômeno de apagamento de um constituinte nas PCs não se restringe ao sintagma-Q, fato que se observa também nas CLIVs, como no exemplo em (2c). Mostram que pode ocorrer uma PC com apagamento da cópula como em (4a) ou ainda com apagamento da preposição no caso de focalização de objeto indireto como (4b). (cf. KATO et alii, 1996, p.337).

(4) a. **O que** eu noto ... que o teatro agora ...

(O que eu noto ... é que...)

b. **O que** me lembro é que era preciso...

(De que me lembro é que era...)

Em Lambrecht (2001), observa-se que também é possível em inglês uma estrutura de pseudo-clivada com apagamento do marcador wh “What”. Segundo Lambrecht, esse tipo de

³ Essa é uma denominação (sintagma-QU = sintagma-WH) utilizada na literatura como sinônima de pronomes relativos.

construção é mais comum no PB do que a PC padrão, de acordo Ross (1991) ⁴. (cf. LAMBRECHT, 200, p.7)

(5) a. Eu visitei foi ATIBAIA.

(*O que eu visitei foi ATIBAIA*).

b. I visited (it) was ATIBAIA.

(*What I visited was ATIBAIA*).

Kato et alii (1996) também citam a questão da baixa frequência de PCs em estudo nos dados do NURC/SP, mas apenas nos casos de PCs focalizando adjuntos adverbiais. Esclarece que esse resultado no PB pode ser proveniente do desuso de pronomes relativos dos tipos: quando, como e onde.

No exemplo em (2c), retirado de Kato et alii (1996, p.309), como já citado, ocorre outro caso de apagamento de um elemento na sentença. Só que o elemento apagado agora é a cópula e não o sintagma-Q. Classificam esse tipo como “Clivada-sem-cópula”. As variantes possíveis foram compostas a partir do exemplo em (2c), reescrito em (6a) a seguir:

- | | |
|--|---|
| (6) a. <i>Eu que</i> entro. | (KATO et alii, 1996, p.309) Clivada-sem-cópula. |
| b. (Sou/É) <i>Eu que</i> entro. | Clivada-básica CLIV |
| c. <i>Eu (é) que</i> entro. | Clivada invertida CLIV-inv |

A partir do exemplo de clivada sem cópula em (6a), podemos ter duas possibilidades desse tipo de sentença em sua forma completa, com realização da cópula. Em (6b), temos um exemplo de clivada-básica com a cópula no início da sentença concordando ou não com o elemento focalizado. Em (6c), um exemplo de clivada invertida com a cópula adjacente ao complementador.

Brito e Duarte (2003) explicam que o PE só aceita a estratégia de clivagem do tipo PC-red quando o constituinte focalizado não é sujeito, como o exemplo em (7a), do contrário, como mostra o exemplo em (7b), a construção é considerada agramatical. (cf. BRITO e DUARTE, 2003, p. 685-687):

⁴ Embora seja possível no inglês a pseudo-clivada reduzida, como demonstra Lambrecht (2001), Brito (2003) esclarece que o espanhol, o italiano e o francês não admitem esse tipo de sentença clivada.

- (7) a. O corvo comeu **foi** *o queijo*.
 b. *Comeu o queijo **foi** *o corvo*.

Uma realização de PC-red o tipo descrito em (7b), em que o sujeito é o constituinte focalizado, parece não ser muito aceita no PB também (veja (8c)). Contudo, a sentença é perfeitamente aceita se o constituinte focalizado for um objeto, tal qual o PE, como no exemplo de Lambrecht em (5a), repetido em (8a), ou um adjunto, como em (8b):

- (8) a. Eu visitei **foi** ATIBAIA.
 b. Comprei o ingresso **foi** *ontem*.
 c. ?? Comprou o ingresso **foi** *ele*.

É objetivo, nesta pesquisa, constatar se é possível estratégia de PC-red com focalização de sujeito nos *corpora* do português rural afro brasileiro.

Do elenco de possibilidades de estratégias de clivagem aceitas no PE, como mostram Brito e Duarte (2003), não encontramos a CLIV-sem-cóp; logo, não deve ser uma construção aceita no PE. Vejamos os tipos descritos em (9) – do PE, cf. Brito e Duarte (2003, p.685):

- | | |
|---|---|
| (8) a. Foi <i>o queijo</i> que o corvo comeu. | Clivada-básica - CLIV |
| b. Foi <i>o queijo</i> o que o corvo comeu. | Clivada-Q/Pseudo-clivada-Extraposta - PCE |
| c. O que o corvo comeu foi <i>o queijo</i> . | Pseudo-Clivada-básica - PC |
| d. <i>O queijo</i> foi o que o corvo comeu. | Pseudo-Clivada-Invertida – PC-inv |
| e. <i>O queijo</i> é que o corvo comeu. | Pseudo-Clivada-invertida de é que |
| f. O corvo comeu foi <i>o queijo</i> . | Semi-Pseudo-clivada-básica |

Em estudo sobre “A Evolução das Estruturas Clivadas no Português: período V2”, Kato & Ribeiro (2004), afirmam que os quatro tipos básicos de clivagem (CLIV, CLIV-inv, PC e PC-inv) começam a ser atestados com frequência no PE, a partir do séc. XVIII.

A partir das informações de Kato & Ribeiro (2005) e da seleção dos tipos permitidos no PE, como ilustram Brito e Duarte (2003), decidimos separar os tipos de clivagem classificando-os em “conservador” e “inovador”. No grupo classificado de conservador incluímos os quatro tipos básicos, CLIV, CLIV-inv, PC, PC-inv, ou seja, os tipos atestados no

PE desde o século XVIII, além da PCE⁵. No grupo classificado como inovador, colocamos a CLIV-sem-cóp, por ser uma estratégia típica do PB, e a PC-red, por ter a propriedade de apagamento de um constituinte, assim como a CLIV-sem-cóp.

É objetivo desta pesquisa observar e analisar a ocorrência de todos os tipos de sentenças clivadas apresentados nesta seção nos *corpora* do português rural afro-brasileiro, além de constatar possíveis diferenças de frequências nos usos de estratégias de clivagem consideradas conservadora e inovadora. Serão também comparados os resultados aqui obtidos com os de outros estudos já realizados, sobre clivagem no PB.

1.1.2 As Sentenças Copulares Comuns SCC

As sentenças copulares comuns (SCC) apresentam certas propriedades descritivas que muitas vezes levam a que esses tipos de sentenças sejam analisados como sentenças clivadas, pois determinados casos permitem também uma leitura de contraste, exclusividade ou exaustividade. No entanto, como observa Modesto (2001), isso só é possível se considerarmos certos aspectos semânticos envolvidos nas sentenças copulares.

Para Modesto, as sentenças clivadas são definidas como um tipo de *sentença copular especificacional*, em que após um processo sintático caracterizado de movimento A-barra⁶ são disparadas as leituras semânticas típicas da clivagem, já citadas.

De acordo com as definições de Modesto, os seguintes tipos de SCC são considerados para um melhor entendimento da análise das clivadas neste trabalho (cf. MODESTO, 2001,p.21)⁷:

- (9) a. A Mafalda é inteligente. (SCC predicacional)
- b. A Mafalda é minha vizinha. (SCC especificacional)

A estrutura linear, a entonação neutra e o predicado contidos em (9a) só permitem que se faça um tipo de leitura, aquela em que se predica algo ao sujeito, isto é, atribui-se uma (ou mais de uma) qualidade à “Mafalda”, a de ser “inteligente”. O que não restringe que ela também seja nordestina, adorável, brasileira, elegante, culta, etc.

⁵ A PCE existe no PE desde sua fase arcaica, conforme informação de Ribeiro (2004:11): “foi VOSSA EMINÊNCIA quem me conduziu à presença de Sua Alteza Real”.

⁶ Para o movimento A-barra, ver Miotto, 2004 que apresenta uma linguagem de fácil entendimento para ensinar a Teoria da Regência e Ligação.

⁷ Outros exemplos de SCC são apresentados em Modesto (2001), contudo, consideramos os dois tipos discutidos nesta seção suficientes para a análise da clivagem proposta no âmbito desta pesquisa.

Em (9b), assim como em (9a), a sentença também apresenta uma estrutura linear e uma entonação neutra, só que o predicado agora especifica quem é o sujeito, ou seja, atribui um “valor” referencial a essa “variável”. Como explica Modesto, esse “valor” referencial dado, numa leitura especificacional, gera um efeito de contraste com outros possíveis valores que poderiam ser selecionados. Observemos esse contraste em (10), reescrito de (9b):

(10) A Mafalda é minha vizinha. (não minha namorada)

Além da interpretação contrastiva dada ao constituinte focalizado numa leitura especificacional, podem-se obter ainda as interpretações de exclusividade e exaustividade. (exemplos em (11) reescritos a partir do exemplo em (1))⁸:

(11) a. Zeca comprou *GUARANÁ*. (e apenas guaraná)
 b. Zeca comprou *GUARANÁ*. (e foi tudo o que Zeca comprou)

Em (11a), tem-se uma interpretação de exclusividade do constituinte focalizado (destacado em itálico), ou seja, foi exclusivamente “*guaraná*” o que Zeca comprou. Em (11b), a interpretação dada ao foco é de exaustividade, isto é, identifica-se exaustivamente um elemento dentro de um conjunto contextualmente dado.

São esses os efeitos de exaustividade, contrastividade e exclusividade gerados a partir de uma leitura especificacional. Para Modesto (2001), essas são as principais características atribuídas a uma sentença clivada.

Modesto observa ainda que uma SCC pode ter uma leitura especificacional sem necessariamente provocar os efeitos de contraste, exaustividade e exclusividade. Desse modo, o constituinte focalizado apresenta apenas um conteúdo informacional. (cf. (12)):

(12) A Mafalda é minha vizinha. (e a Juliana também)

Entretanto, de acordo com Modesto, se nas sentenças em (9a,b) recair sobre o foco um acento enfático ou o predicado (complemento da cópula) sofrer o movimento A-barra, então serão disparadas as leituras da clivagem. O que pode ser comprovado nos exemplos em (13). (cf. MODESTO, 2001, p. 67 (com algumas modificações)):

⁸ Os exemplos foram adaptados a partir da interpretação de Brito e Duarte (2003:686).

- (13) a. A MAFALDA é inteligente. (não a Joana, *e a Joana também)
b. Inteligente é a *Mafalda*. (não a Joana, *e a Joana também)
c. A MAFALDA é minha vizinha. (não o Felipe, *e o Felipe também)
d. Minha vizinha é a *Mafalda*. (não o Felipe, *e o Felipe também)

Nos exemplos em (13a, c), embora a sentença contenha a mesma estrutura linear ilustrada nos exemplos em (9), o constituinte focalizado aparece em caixa alta “A MAFALDA”, recebendo um acento “enfático” acentuadamente mais forte. O que caracteriza esses exemplos como sentenças com foco marcado. O constituinte focalizado em (13b, d), ao contrário, recebe um acento prosódico menos proeminente, uma vez que o movimento do predicado (movimento A-barrado) já cria os efeitos de clivagem.

Esse tipo de interpretação dado aos efeitos gerados pela clivagem está sendo considerado na análise desenvolvida nesta pesquisa.

1.1.3 Outros Tipos de Clivagem

Na comparação do fenômeno com outras línguas, Lambrecht (2001) apresenta alguns tipos definidos como clivadas especificacionais exaustivas e não-exaustiva, além de outros casos especiais de construções que muitas vezes são considerados clivadas, mas que não satisfazem à definição proposta por ele. Lambrecht esclarece que é possível encontrarmos sentenças clivadas com outras estruturas além das já tradicionalmente conhecidas (cópula + complementador ou pronome relativo). Mostra, por exemplo, clivada com outro predicador em que ocorre seu esvaziamento lexical dentro da sentença (por exemplo, a “have-cleft”, em que o verbo “ter” comporta-se como um verbo copulativo, perde seu conteúdo semântico) ou composta por um pronome preenchido (eu, você etc.) que também perde seu significado atuando tal qual um pronome expletivo. Ao longo dessa seção, mostramos os exemplos de cada caso aqui citado.

Os tipos básicos de sentenças clivadas ilustrados no início desse capítulo (cf. seção 1.1) são classificados por Lambrecht como exemplos típicos de clivadas especificacionais exaustivas. São estes os exemplos considerados pelo autor: IT-cleft (clivada-básica), WH-

cleft (pseudo-clivada) e a Reverse WH-cleft (pseudo-clivada invertida), exemplos em (14) (LAMBRECHT, 2001, p.29)⁹:

- | | |
|--|------------------|
| (14) a. It's the use of CLEFTS he wants to explain. | IT-cleft |
| <i>(É o uso de CLIVADAS que ele quer explicar)</i> | |
| b. What he wants to explain is the use of CLEFTS. | WH-cleft |
| <i>(O que ele quer explicar é o uso de CLIVADAS)</i> | |
| c. The use of CLEFTS is what he wants to explain. | Reverse WH-cleft |
| <i>(O uso de CLIVADAS é o que ele quer explicar)</i> | |

Além dos tipos básicos apresentados em (14), mostramos em (15) outro exemplo de clivada especificacional exaustiva classificada de “If-Because-Cleft”, apesar de, segundo Lambrecht, “não ser reconhecida como tal na literatura”. (exemplo em (15), Lambrecht, 2001, p.30)

- (15) a. If he wants to explain clefts it's because he is ambitious.
(Se ele quer explicar clivadas é porque ele é ambicioso).

Argumenta que a existência desse tipo de clivada é decorrente da falta de um marcador relativo causal no inglês. O “If”, neste caso, não funciona como um marcador de uma condicional, uma vez que não se pode introduzir a oração matriz pelo correlativo “então”, processo comum utilizado para ligar as duas orações de uma sentença condicional.

Observemos a diferença entre uma sentença verdadeiramente condicional e uma sentença que começa com a partícula “se”, mas não é uma sentença condicional.

- (16) a. If I were you I would go to party.
(Se eu fosse você eu iria à festa).
- b. Se eu fosse você **então** eu iria à festa. *A única condição de eu ir à festa é se eu fosse você.*

- (17) a. If he wants to explain clefts it's because he is ambitious.
(Se ele quer explicar clivadas é porque ele é ambicioso).

⁹ Agradeço a revisão da colega Edivalda nas traduções dos exemplos do estudo de Lambrecht (2001).

b. Se ele quer explicar clivadas **então** ele é ambicioso. **A única condição de ele ser ambicioso é ele querer explicar clivadas.*

Percebe-se que a introdução do correlativo “então” em (16b) não altera o sentido expresso na frase em (16a). No entanto, em (17b), a introdução de “então” altera o sentido da frase, uma vez que o sentido expresso em (17a) não condiciona que o falante tenha que necessariamente “querer explicar clivadas” para que seja ambicioso.

Esse tipo também é encontrado no francês, como mostra o exemplo em (18), em que a relativa é antecedida pelo marcador “*c’est*”.

(18) **Si** leur renommée n’avait pas franchi les frontières **c’est que** le royaume d’Oaklan ne communiquait avec aucun autre.

(Se sua reputação não tinha ultrapassado a fronteira foi porque o reino de Oaklan não comunicou com nenhum outro).

Como mostram os exemplos, observa-se que, tanto no francês em (18), quanto no inglês em (17), o foco nesses tipos de sentenças é expresso na relativa, ao contrário do que acontece na IT-cleft (clivada-básica).

Há também a clivada “WH-Amalgam” que apresenta a parte assertiva da sentença com o sujeito e o verbo idênticos ou parcialmente idênticos aos da oração relativa expressa na parte pressuposta. (exemplo em (19), LAMBRECHT, 2001, p.31)

(19) What he should do **is** (he should) EXPLAIN THE USE OF CLEFT.

(O que ele deveria fazer é (ele deveria) EXPLICAR O USO DE CLIVADAS).

Lambrecht argumenta que, do ponto de vista sintático, além de conter elementos estruturalmente idênticos em ambas as orações, do ponto de vista da estrutura informacional, o foco também traz material contido na parte pressuposta.

Lambrecht explica que, nas clivadas especificacionais não-exaustivas, o foco atribui um valor não exaustivo à variável contida na pressuposição, ou seja, outros elementos podem ser selecionados dentro de um conjunto aberto expresso na parte pressuposta. Mostra um tipo

que ocorre no inglês, a “There-cleft”, que utiliza o sujeito existencial “there” ao invés do “It” expletivo das It-clefts, conforme exemplo em (20) (LAMBRECHT, 2001, p.36):

(20) **There’s** THE USE OF CLEFT he wants to explain.

(Tem O USO DE CLIVADAS que ele quer explicar).

Em (20), ao contrário das It-clefts, em que o elemento foco determina o valor da variável expresso na parte pressuposta, nas There-clefts o foco apenas expressa um valor informacional capaz de ser identificado dentro de um conjunto de valores possíveis.

Em seguida, mostramos um outro tipo de clivada especificacional não-exaustiva que traz “have” como marcador de foco, seguido de um pronome preenchido “I” que, como explica Lambrecht, apresenta uma redundância com o determinante possessivo “my”. (exemplo em (21) (cf. LAMBRECHT, 2001, p.36).

(21) a. **I have my** NEIGHBOR **who’s** black.

(Eu tenho meu vizinho que é negro).

b. **It’s my** NEIGHBOR **who’s** black.

(É meu vizinho que é negro).

Argumenta que a não exaustividade da sentença em (21a) reside no fato de o falante expressar uma pressuposição aberta, isto é, “entre as pessoas que são negras, ‘eu tenho meu vizinho que é negro’”. Ao contrário, sua contraparte na It-cleft (clivada-básica) em (21b), expressa uma pressuposição exaustiva. Deve ser entendida como: “entre essas pessoas ‘meu vizinho é que é negro’”.

Como já foi dito, um dos aspectos determinantes para que uma sentença seja caracterizada como uma clivada é a possibilidade de conversão em uma sentença neutra ou oração simples, sem que haja qualquer tipo de mudança na condição de verdade que expressa. A partir dessa premissa, Lambrecht (2001) apresenta alguns casos especiais considerados clivadas, mas que precisa de ajustes gramaticais e/ou lexicais em sua conversão numa sentença neutra. O primeiro tipo que apresentamos, em (22), é denominado de “all-cleft”, uma espécie de subtipo de uma PC. (LAMBRECHT, 2001, p.31):

(22) a. **All** this machine does **is** SWIM AND EAT.

(Tudo que essa máquina faz é nadar e comer).

b. This machine **only** swim and eat.

(*Essa máquina apenas nada e come*).

Como indicado em (22b), para converter uma “all-cleft” em uma sentença simples foram necessários: eliminar o quantificador ‘all’ e acrescentar ‘only’ como marcador focal.

Um segundo tipo apresentado por Lambrecht é classificado de “since-cleft”, considerado como um subtipo de clivada-básica. Nesse tipo de sentença, (exemplos em (23)), também ocorrem ajustes em sua estrutura para que seja convertida numa sentença neutra. (LAMBRECHT, 2001, p.31-32):

(23) a. **It’s** been FORTY YEARS **since** the FDA authorized the birthcontrol pill.

(*Tem-se passado quarenta anos desde que a FDA autorizou a pílula de controle de natalidade*).

b. Forty years ago the FDA authorized the birthcontrol pill.

(*Quarenta anos atrás a FDA autorizou a pílula de controle de natalidade*).

Na “since-cleft”, a sentença encaixada é introduzida pela conjunção ‘since’ em vez do complementador ‘that’. Na conversão para uma sentença neutra, há o apagamento do pronome expletivo, juntamente com a cópula ‘it is’ e a substituição de ‘since’ por ‘ago’.

Esse tipo de clivagem também é encontrado em alemão e em francês, conforme exemplos em (24). (LAMBRECHT, 2001, p. 32):

(24) a. Es ist [vierzig Jahre her], (**seit** die FDA die Antibabypille genehmigt hat).

a’. Die FDA hat **vor** vierzig Jahren die Antibabypille genehmigt.

b. {Voici / Il y a} [quarante ans] (**que** la FDA a autorisé la pilule contraceptive).

b’. La FDA a autorisé la pilule contraceptive {voici / il y a} quarante ans.

No exemplo em (24a) do alemão, também ocorre um ajuste lexical para formação da sentença simples, tal qual em inglês; “seit” em (24a) muda para “vor” em (24a’). Já no exemplo em francês, em que a sentença encaixada clivada é introduzida pelo complementador “que” em (24b) a sentença não sofre nenhum ajuste para formar a sentença neutra equivalente.

Procuramos mostrar nesta seção que existem diferentes tipos de sentenças clivadas atestados nas línguas de um modo geral, assim como a escolha de uso desse ou daquele tipo, pelos falantes, está condicionada às estratégias sintático-discursivas permitidas a cada língua.

É objetivo desta pesquisa observar e analisar também a possibilidade de ocorrência dos tipos aqui citados, além de comparar os resultados aqui obtidos com os de outros estudos já realizados.

1. 2 O Estatuto Sintático do Constituinte Focalizado

Um fato observado nas sentenças clivadas diz respeito ao estatuto sintático do elemento focalizado. Embora se observe que qualquer constituinte pode ser focalizado pela estratégia de clivagem, Braga (1991), em análise do português falado do Rio de Janeiro, e Kato et alii (1996), em análise do NURC/SP, mostram que certos tipos de clivadas favorecem a ocorrência de um número maior de uma determinada função sintática em detrimento de outras¹⁰.

Segundo a proposta de análise sintática apresentada em Kato et alii (1996), a função sintática do constituinte focalizado deve ser entendida da mesma forma como se este elemento não tivesse sido clivado. Essa análise pode ser visualizada nos exemplos listados em (25) a seguir, coletados de trabalhos já realizados sobre o mesmo fenômeno:

- (25) a. **É A FAMÍLIA que** comprova o título. (Kato et alii, 1996:334)
(sujeito = A família comprova o título.)
- b. **É ISSO que** eu acho. (Kato et alii, 1996:334)
(objeto direto = Eu acho isso.)
- c. **Foi PRA MARIA que** o Luís deu as flores. (Modesto, 2001:87)
(objeto indireto = O Luis deu as flores pra Maria.)
- d. **NA FEIRA DO LIVRO é que** eu comprei este dicionário de verbos. (Brito, 2003:689)
(Adjunto de lugar = Eu comprei este dicionário de verbos na feira do livro.)
- e. **POR ISSO é que** eu acho que a coisa é muito difícil de acontecer. (Kato et alii, 1996:324)
(Adjunto de modo = Eu acho que a coisa é muito difícil de acontecer por isso.)
- f. **Quando** eu cheguei **foi ONTEM**. (Kato et alii, 1996:331)
(Adjunto de tempo = Eu cheguei ontem.)

¹⁰ Cf. capítulo 3 para uma análise mais detalhada destas propostas.

No entanto, Brito e Duarte (2003) mostram que há algumas exceções para o processo de clivagem quando se trata de determinadas funções sintáticas. Por exemplo, advérbios de frase não aceitam serem clivados por nenhum dos tipos de sentença clivada já citados. O que pode ser constatado em (26) (cf. BRITO, 2003, p.686):

- (26) a. ***Foi provavelmente que** o João comeu o bolo.
b. **Provavelmente é que* o João comeu o bolo.
c. ***Como** o João comeu o bolo **foi provavelmente**.
d. ***Foi provavelmente como** o João comeu o bolo.

Além de advérbios de frase, as autoras mostram que orações subordinadas adverbiais condicionais e concessivas também não permitem nenhum dos processos de clivagem citados. Confira exemplos em (27) (cf. BRITO e DUARTE, 2003, p. 686):

- (27) a. ***Foi embora estivesse frio quando** fomos à praia.
b. **Embora estivesse frio foi quando* fomos à praia.
c. ***Foi embora estivesse frio que** fomos à praia.
d. **Embora estivesse frio é que* fomos à praia.

De acordo com o que foi mostrado nesta seção, consideramos relevante para esta pesquisa observar a correlação entre o tipo de clivada e o estatuto sintático do elemento focalizado no português rural afro-brasileiro. Sendo assim, apresentamos os respectivos percentuais de ocorrência nessa relação tipo/função no capítulo referente à análise dos dados.

1.3 A Função Pragmático-Discursiva das Sentenças Clivadas

Uma sentença é considerada neutra quando toda ela pode ser entendida como uma asserção, sendo possível não estar relacionada a nenhum contexto anterior. Por outro lado, as sentenças clivadas costumam ser interpretadas discursivamente como uma construção composta de duas partes: uma *pressuposta* e outra *assertiva*. São, então, denominadas de sentenças não-neutras. Observe o exemplo em (28):

- (28) O que (que) aconteceu?
Zeca viajou pra Bahia.

A sentença em (28) é uma sentença neutra porque apresenta uma estrutura linear (uma ordem direta sujeito, verbo e complemento) e uma entonação neutra, isto é, um acento nuclear no último constituinte. Assim, toda a sentença (destacada em *itálico*) é entendida como uma asserção.

Observe agora um exemplo de uma sentença não-neutra em (29):

(29) Zeca viajou pra onde?

Zeca viajou pra *Bahia*.

Em (29), entende-se que há uma informação já conhecida do falante e do ouvinte, o fato de que “Zeca viajou pra x” a informação *pressuposta* ou a parte pressuposta da sentença, chamada também de informação velha ou informação dada; outra que traz uma informação que contém o valor de “x”, ou seja, ‘x = pra *Bahia*’, essa será a parte *assertiva* da sentença, conhecida também como informação nova¹¹. É essa dupla informação que torna (29) uma sentença não-neutra.

Diferentes partes de uma sentença podem conter a informação assertiva de acordo com o contexto discursivo em que esteja inserida. Vimos em (28) que toda a sentença é considerada como uma asserção; em (29), a parte assertiva aparece no final da sentença, na forma de objeto direto. Observemos em (30) a asserção aparecendo no início da sentença, na forma de sujeito¹². Em (31), a asserção incide em todo o predicado verbal:

(30) Quem viajou pra Bahia?

Zeca viajou pra Bahia.

(31) O que (que) Zeca fez?

Zeca, *vaijou pra Bahia*¹³.

¹¹ As denominações de informação ‘velha’ e ‘nova’ são interpretações na perspectiva da gramática do discurso.

¹² Estamos destacando em *itálico* o constituinte focalizado na asserção na tentativa de representar um contorno entonacional mais saliente que os demais constituintes da sentença, mas sem uma interpretação contrastiva, apenas informacional. Quando a tentativa é de representar uma interpretação contrastiva, destacamos o constituinte focalizado em caixa ALTA.

¹³ Evidentemente não há um mesmo padrão entonacional em todos os elementos contidos na asserção, um determinado constituinte deve receber um acento de maior destaque prosódico em relação aos demais, provavelmente a última palavra da sentença, ou no foco. Entretanto, optamos por diferenciar prosodicamente apenas o foco informacional do foco contrastivo, em *itálico* e em caixa alta respectivamente, pelo fato de não ser intenção desta pesquisa fazer uma análise prosódica criteriosa.

Acrescenta-se ainda, na literatura, além da noção de pressuposição e asserção, a noção de foco, relacionando-a com a noção de asserção. Nessa análise, a parte não pressuposta da sentença passa a constituir-se em asserção e foco. Como explica Lambrecht (2001), a asserção é a parte da sentença que o ouvinte aceita como um resultado para completar a parte pressuposta da sentença, enquanto o foco é o elemento sinalizador de uma proposição, isto é, aquele que indica a informação que o falante quer que seja destacada na estrutura informacional de uma sentença.

Sendo assim, vejamos, de forma simplificada, como se processa a análise de Lambrecht da estrutura informacional de uma sentença a partir do exemplo (29), reescrito em (31). A estrutura informacional está representada em (31')¹⁴:

(31) Zeca viajou pra onde?

Zeca viajou pra *Bahia*.

(31') Estrutura da informação.

Contexto da sentença:	Zeca viajou pra onde?
Sentença:	Zeca viajou pra <i>Bahia</i> .
Pressuposição:	“Zeca viajou pra x”
Asserção:	“x = <i>Bahia</i> ”
Foco:	“ <i>Bahia</i> ”

Podemos observar que as interpretações de pressuposição e de asserção expressas na estrutura da informação desenvolvida em Lambrecht são as mesmas que fizemos para analisar o exemplo em (29). Sendo assim, acrescentamos apenas a interpretação de Lambrecht para o elemento foco. Para ele, o foco é elemento que atua dentro da parte assertiva imprimindo um acento enfático que a diferencia da entonação do resto da sentença. Desse modo, caracteriza-se esse tipo de sentença como não-neutra de foco marcado.

¹⁴ Para uma análise mais detalhada da estrutura informacional de uma sentença, ver Lambrecht (2001).

1.4 A Interpretação Contrastiva e a Informacional nas Clivadas

Seguindo a interpretação de Prince (1978), consideramos que as sentenças clivadas apresentam dois tipos de interpretação quanto ao seu conteúdo semântico. Desse modo, relacionamos as sentenças clivadas com dois tipos de interpretação focal, isto é, a clivada com interpretação de **foco informacional** e a clivada com interpretação de **foco contrastivo**.

A clivada com foco informacional geralmente é usada em resposta a perguntas-QU, sem que seu conteúdo informacional, que se encontra na parte assertiva da sentença, venha gerar qualquer tipo de efeito contrastivo. A clivada com foco contrastivo, ao contrário, possibilita que o elemento focalizado seja selecionado dentro de um conjunto de elementos gerando os efeitos de contraste, exclusividade ou exaustividade já citados, ou negando um elemento da pressuposição. Os exemplos em (32) referem-se à clivada com foco informacional, e os exemplos em (33), referem-se à clivada com foco contrastivo:

(32) a. O que (é/foi que) Zeca comprou?

b. **Foi guaraná que** Zeca comprou.

(33) a. Zeca comprou cerveja?

b. Não, **foi GUARANÁ que** Zeca comprou.

Vemos em (32) que o foco “*guaraná*”, o elemento clivado entre a cópula “foi” e o complementador “que”, apenas informa o valor de “x” completando o contexto pressuposto da sentença “Zeca comprou x”. Em (33), entretanto, o foco nega a informação expressa na sentença contexto, isto é, que não foi “cerveja” o que Zeca comprou, mas sim “GUARANÁ”. O constituinte focalizado da clivada em (33), portanto, carrega o acento enfático e os efeitos característicos do foco contrastivo.

A intensidade do acento prosódico que recai no elemento focalizado está diretamente ligada ao tipo foco expresso na sentença, ou seja, se o foco for contrastivo, apresentará um ‘acento’ prosódico de maior intensidade (acento enfático) comparado ao foco informacional. É preciso, então, conforme explica Lambrecht (2001), compreender que não é o foco em si mesmo que contém a propriedade de elemento sinalizador de uma asserção, mas sua relação com a frase, isto é, essa propriedade é determinada pela relação existente entre o foco, a asserção e os demais constituintes.

Consideramos que a interpretação de foco, asserção e pressuposição e da análise de foco informacional e de foco contrastivo apresentadas nesta seção, são pontos fundamentais para a formulação da análise e da interpretação das sentenças clivadas nesta pesquisa. Desse modo, mostramos as análises e os percentuais encontrados nos diferentes tipos de clivadas analisados, quanto ao estatuto de foco informacional e de foco contrastivo.

1.5 Conclusão

Vimos que as sentenças clivadas são definidas como um tipo de oração bipartida: composta de uma parte pressuposta e de outra assertiva e que é na parte assertiva que se encontra o elemento focalizado. Explicamos que essa propriedade sinalizadora do elemento focal é determinada pela relação existente entre o foco, a asserção e o resto da sentença. Apresentamos os vários tipos de clivadas atestados no português como em outras línguas. Mostramos que os tipos compartilham algumas características comuns, mas que não contêm a mesma estrutura formal. Explicamos que as sentenças clivadas podem focalizar constituintes com diferentes funções sintáticas; contudo, esclarecemos que o percentual de ocorrência na relação tipo/função parece não se revelar da mesma forma para todos os tipos, fato que pretendemos averiguar neste trabalho. Por fim, demonstramos que as sentenças clivadas se relacionam com os dois tipos de interpretação focal, classificando-se em: clivada com foco informacional e clivada com foco contrastivo.

2 METODOLOGIA

Neste capítulo, descrevemos as etapas que constituem a metodologia variacionista que utilizamos nesta pesquisa, seguindo o modelo laboviano da década de 60. Mostramos a composição dos *corpora* utilizados que fazem parte do Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia coordenado pelo Prof. Dr. Dante Lucchesi, do Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Seguimos as diretrizes propostas pelo Projeto, sob a orientação do Prof. Dr. Dante Lucchesi, que procedeu a adequação da análise quantitativa variacionista de acordo com o fenômeno estudado.

Mostramos a variável dependente que foi estabelecida para guiar-nos nas análises variacionistas, além da seleção do grupo de fatores de natureza lingüística e de natureza social, afim de podermos identificar qual ou quais fatores são condicionadores do uso desta ou daquela variante.

2.1 A composição dos *corpora* selecionados

Como já mencionado, os *corpora* utilizados nesta pesquisa fazem parte do Projeto Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia, cujo objetivo maior é estudar a realidade atual das comunidades de fala rural deste estado, desenvolvendo pesquisas que contribuam para o entendimento da constituição histórico lingüística dessas comunidades, a partir de uma perspectiva de contato da língua portuguesa com as línguas indígenas e africanas.

Os *corpora* selecionados para esta pesquisa são compostos por vinte e oito amostras de fala do português rural afro-brasileiro, transcritas e digitalizadas. Distribuem-se da seguinte forma: o *corpus* da comunidade de Helvécia, composto de oito inquéritos; o da comunidade de Cinzento, também contendo oito inquéritos; o de Sapé, constituído de seis inquéritos e o de Rio de Contas, também contendo seis inquéritos.

Na codificação dos dados, a denominação do *corpus* correspondente a cada comunidade foi estabelecida conforme o nome da própria comunidade em que foram realizadas as entrevistas para a coleta dos dados. O único *corpus* cuja denominação foge à regra estabelecida é o constituído nas localidades de Barra e Bananal, região da Chapada Diamantina, que recebeu o nome do rio que corta essas comunidades, Rio de Contas¹⁵.

¹⁵ Maiores informações sobre o acervo do Projeto Vertentes e do desenvolvimento de suas produções acadêmicas, deve-se visitar o site oficial: www.vertentes.ufba.br.

De acordo com o objetivo do projeto “estudar a realidade atual das comunidades de fala rural”, tentou-se selecionar comunidades compostas de indivíduos afro-descendentes que vivessem isolados, ou parcialmente isolados. Diz-se parcialmente, porque os critérios de isolamento não se restringem ao aspecto geográfico; deve-se considerar também o distanciamento dos meios de comunicação, fato este difícil de ser controlado tamanho é o grau de penetração que atingem atualmente os meios de comunicação de massa.

A escolha dessas comunidades deve-se ao fato de serem compostas, desde o período de sua formação, por escravos ou ex-escravos oriundos de quilombos ou residentes em terras que foram recebidas de seus antigos donos, como uma espécie de paga após sua libertação, ou ainda moradores em terras de antigos engenhos que foram abandonados pelos seus proprietários¹⁶.

Os critérios para distribuição dos fatores sociais foram estabelecidos equitativamente para as quatro comunidades, adequando-os conforme o número de inquéritos desenvolvido em cada uma. Consideraram-se como critérios sociais para a seleção dos informantes as seguintes variáveis: a **faixa etária** (faixa I: 20-40; faixa II: 40-60; faixa III: 60-80; faixa IV: + de 80); **Sexo**: masculino (M) feminino (F); **escolaridade** (pelo fato de na comunidade não haver representantes de vários níveis de escolarização, selecionaram-se os informantes distinguindo-os em analfabetos e semi-analfabetos, estes formados por falantes que possuem a habilidade de assinar o nome e a de ler palavras soltas); **viagem** (ajustada para “**estada fora da comunidade**” em função da impossibilidade de aplicá-lo igualmente a todas as comunidades) e a variável **localidade**: que agrupa os informantes em função de terem nascidos nas comunidades selecionadas ou que para lá tenham sido levados: Helvécia (HV), Cinzento (CZ), Rio de Contas (RC) e Sapé (SP).

2.2 A Descrição das comunidades

Nesta seção, descrevemos a constituição das comunidades analisadas, sua localização geográfica, além de contarmos um pouco de sua realidade sócio-histórica. Esperamos que

¹⁶ Agradeço à colega Cristina Silva pela colaboração ao ceder-me sua dissertação, da qual obtive muitas das informações sobre as comunidades aqui estudadas.

essas particularidades possam dar uma idéia aproximada do panorama representativo das comunidades aqui analisadas.

2.2.1 A comunidade de Helvécia

A comunidade de Helvécia, situada no município de Nova Viçosa, região do extremo sul do estado da Bahia, originou-se de uma colônia doada a imigrantes europeus, mais especificamente franceses, suíços e alemães. Silva (2004:82) revela que essa comunidade foi fundada em 1818 com o nome de Colônia Leopoldina, desenvolvendo a cultura cafeeira até 1888, data a partir da qual deu início sua decadência econômica, devida à libertação dos escravos, o que originou a perda da mão-de-obra, e à expansão da cultura cafeeira para outras regiões do estado e do país.

Sua população africana, após a decadência da colônia e do seu abandono por seus proprietários, sobreviveu da agricultura de subsistência, quase que isoladamente.

Confira o quadro de codificação referente à comunidade de Helvécia:

Quadro 1 – Informantes de Helvécia

Código da Localidade	Sexo do informante	Faixa etária	Escolaridade	Estada fora da Comunidade
HV- 01	F	I	A	N
HV- 04	M	I	S	N
HV- 07	F	II	A	E
HV- 12	M	II	A	N
HV-13	F	III	A	N
HV- 19	F	IV	A	E
HV- 20	M	III	A	E
HV- 22	M	IV	A	N

Como se observa no quadro 1 apresentado, a codificação obedece as seguintes especificações:

- a) código da localidade (seguido do número do inquérito): Helvécia (HV), Cinzento (CZ), Sapé (SP) e Rio de Contas (RC);
- b) sexo do informante: masculino (M) e feminino (F);
- c) faixa etária: faixa I (20 a 40 anos), faixa II (41 a 60 anos), faixa III (61 a 80 anos), faixa IV (+ de 80 anos);
- d) escolaridade: analfabeto (A) e semi-analfabeto ou analfabeto funcional, que apenas assina o nome (S);
- e) estada fora da comunidade: esteve fora (E), não esteve fora (N).

No *corpus* da comunidade de Helvécia, foram inseridos dois falantes da faixa etária IV (Inf, 19 e Inf, 22) do sexo feminino e do sexo masculino, correspondentes à idade com + de 80 anos. A intenção do projeto é que seja possível identificar na fala desses informantes traços característicos do efeito do contato entre línguas.

2.2.2 A comunidade de Cinzento

A comunidade de Cinzento, localizada no município de Planalto, região do semi-árido baiano, deve sua formação a grupos de negros fugidos que se estabeleceram naquela região entre 1810 a 1860. Como explica Silva (2004:84), os habitantes dessa comunidade, situada às margens do Rio Gavião, mantinham-se e ainda mantêm-se praticando apenas agricultura de subsistência.

A seguir apresentamos o quadro 2 com a codificação referente à comunidade de Cinzento.

Quadro 2 – Informantes de Cinzento

Código da Localidade	Sexo do informante	Faixa etária	Escolaridade	Estada fora da Comunidade
CZ-01	F	I	S	E
CZ-03	M	I	S	E
CZ-06	M	II	S	E
CZ-08	F	II	A	N
CZ-09	F	III	A	N
CZ-10	F	IV	A	N
CZ-11	M	III	S	N
CZ-12	M	IV	A	N

Como se observa no quadro 2, assim como na comunidade de Helvécia, também constam dois informantes da faixa etária IV (Inf, 10 e Inf, 12) com idade acima de oitenta anos, tanto do sexo masculino quanto do feminino.

Por localizar-se numa região muito acidentada, esta comunidade encontra-se em situação de quase isolamento. Nos períodos longos de chuva, segundo Silva (2004), o acesso a essa comunidade fica ainda mais difícil. O que muitas vezes impossibilita as crianças de irem à escola, pois o ônibus escolar não consegue chegar à comunidade, e até os cavalos chegam a atolar-se.

2.2.3 A comunidade de Rio de Contas

A comunidade de Rio de Contas está localizada na Chapada Diamantina e compreende, na verdade, duas localidades: Barra e Bananal. Esta comunidade localiza-se às margens do rio que corta as duas localidades, o Rio de Contas, que deu origem ao nome da comunidade.

Fundada no século XVII, seus moradores são descendentes de escravos que sobreviveram a um naufrágio durante o tráfico de negros. Fixando-se às margens do rio, eles

construíram os primeiros barracos que deram início às duas localidades, distantes apenas por dois quilômetros uma da outra.

Durante o período de exploração dos bandeirantes, os habitantes dessa comunidade foram escravizados e conduzidos para o trabalho na mineração. Foi desse contato com o homem branco que os africanos dessa comunidade perderam muitas de suas tradições, principalmente os cultos da religião africana. Em seu lugar, os habitantes praticam a religião católica, predominante no local, muito embora haja entre eles alguns praticantes da religião evangélica.

Em decorrência do isolamento dessa população, seus indivíduos viviam num sistema de castas, isto é, sob um regime endógamo, em que os membros só se casam com outros de sua própria tribo ou classe.

As localidades são compostas de casas simples e distribuídas de forma esparsas, em condições urbanas bastante precárias. Os habitantes vivem da lavoura de subsistência e até pouco tempo encontravam-se em quase total isolamento. Contudo, tem-se observado, atualmente, um crescimento do turismo nesta região, o que pode estar proporcionando mudanças no antigo quadro de isolamento de seus habitantes.

Segue quadro 3 com a codificação referente à comunidade de Rio de Contas:

Quadro 3 – Informantes de Rio de Contas

Código da Localidade	Sexo do informante	Faixa etária	Escolaridade	Estada fora da Comunidade
RC-04	F	I	A	E
RC-05	M	I	S	E
RC-08	M	II	A	E
RC-13	F	II	S	N
RC-24	F	III	A	N
RC-26	M	III	S	E

2.2.4 A comunidade de Sapé

A comunidade de Sapé fica situada no distrito do município de Valença, região do Recôncavo Baiano, cujo acesso é feito por uma estrada de terra de aproximadamente 25 quilômetros, em direção contrária à cidade de Valença.

O nome da comunidade é proveniente de um tipo de capim predominante na região. Segundo o dicionário Aurélio, sapé é um capim da família das gramíneas, muito conhecido porque serve para cobrir choças (tipo de habitação pobre), de folhas duras, cujo caule tem uma ponta perfurante, não muito aceito como alimento para o gado.

Como conta os moradores mais antigos, ao chegarem às imediações de sapé, só havia mato, ou melhor, sapé. Silva (2004), no contato com os habitantes da comunidade, relata:

Segundo os moradores da cidade, a comunidade formou-se algum tempo após a assinatura da abolição dos escravos. Segundo João Barreto – fazendeiro local e morador do distrito vizinho, Rapa Tição –, em 1800 as terras que compreendiam Sapé, Rapa Tição e Tabuado pertenciam a um único dono, o Sr. Miguel Elia. Com a morte de Miguel Elia, as terras foram divididas entre dois filhos, que em seguida as venderam, por preferirem a vida urbana. Sobre as atividades econômicas da época, contou-nos o Sr. João Barreto que se plantava largamente a mandioca, além de ter áreas reservadas para o pasto, o que significa ter havido criação de gado, mas isso não afirma com certeza, pois, como ele mesmo diz, foram histórias que ouviu de seu avô, o primeiro a chegar à região após a família de Miguel Elia.

Ainda segundo Silva (2004), hoje em dia a comunidade tem cerca de 100 habitantes com predomínio de jovens e crianças. Acrescenta que, mesmo havendo energia elétrica há dez anos, sua obtenção é privilégio de poucos, restringindo-se à rua principal. Apenas poucos moradores possuem eletrodomésticos. Muitos dos aparelhos de TV, por exemplo, são ligados à bateria de carro, nos locais onde a rede elétrica não chegou.

A comunidade não desfruta de sistema básico de saneamento, a maioria das casas não tem banheiros. Silva comenta que homens, mulheres e crianças tiram seu sustento trabalhando na roça, ganhando cerca de R\$ 4,00 a R\$ 10,00 por diária em época de plantio ou colheita.

Na comunidade de Sapé, afirma a autora, todos os indivíduos são praticantes da religião católica, e afirmam não existir na comunidade nenhum membro que pratique qualquer tipo de culto africano, apesar do isolamento em que ainda vive a comunidade.

O quadro 4 abaixo contém a codificação referente à comunidade de Sapé:

Quadro 4 – Informantes de Sapé

Código da Localidade	Sexo do informante	Faixa etária	Escolaridade	Estada fora da Comunidade
SP-01	F	I	S	N
SP-04	M	I	A	N
SP-05	F	II	S	E
SP-06	M	II	S	N
SP-09	F	III	A	N
SP-12	M	III	A	N

2.3 A seleção dos dados investigados

Os dados foram selecionados a partir dos tipos de sentenças clivadas já atestados no PB e em outras línguas. Como já mencionado na seção 1.1, apresentamos em (34) os tipos de sentenças clivadas que serão considerados na coleta dos dados nesta pesquisa¹⁷:

- (34) a. **É Luana que** deixa a porta aberta. Clivada-básica - CLIV
 b. *Seu time é que* não é de nada. Clivada invertida – CLIV-inv
 c. **O que** eu que tô precisano *é de descanso*. Pseudo-Clivada – PC
 d. *Nossa habilidade é o que* faz a diferença. Pseudo-clivada invertida – PC-inv
 e. (*O que*) ele quer **é um sorvete**. Pseudo-clivada-reduzida – PC-red
 f. (*É*) Ele (*é*) **que** joga agora¹⁸. Clivada sem cópula – CLIV-sem-cóp
 g. **Foi Catia quem** quis desse jeito. Pseudo-clivada Extraposta – PCE

Os tipos apresentados na seção 1.1.3, do estudo de Lambrecht (2001), também foram computados para levantamento de ocorrências nos dados aqui pesquisados. Em (35) mostramos os tipos que selecionamos do estudo de Lambrecht:

¹⁷ Todos os tipos de sentenças clivadas listados em (2) foram exemplos criados por mim.

¹⁸ Colocamos a cópula nas duas posições possíveis de ocorrerem: no início da sentença (como uma CLIV); ou junto à partícula “que” (como uma CLIV-inv).

- (35) a. If he wants to explain clefts it's because he is ambitious. (If-Because-Cleft)
(Se ele quer explicar clivadas é porque ele é ambicioso).
- b. What he should do **is** (he should) EXPLAIN THE USE OF CLEFT. (WH-Amalgam)
(O que ele deveria fazer é (ele deveria) EXPLICAR O USO DE CLIVADAS).
- c. **There's** THE USE OF CLEFT he wants to explain. (There-cleft)
(Há O USO DE CLIVADAS que ele quer explicar).
- d. **I have my** NEIGHBOR **who's** black. (Have-cleft)
(Eu tenho MEU VIZINHO que é negro).
- e. **All** this machine does **is** SWIM AND EAT. (All-cleft)
(Tudo que essa máquina faz é NADAR E COMER).
- f. **It's** been FORTY YEARS **since** the FDA authorized the birthcontrol pill.
 (Since-cleft)
(Tem-se passado QUARENTA ANOS desde que a FDA autorizou a pílula de controle de natalidade).

Na seção de análise dos dados, mostramos e comentamos todos os tipos de clivagem encontrados nesta pesquisa.

2.3.1 Critérios para seleção dos dados

Na seleção dos dados, alguns critérios foram seguidos para que pudéssemos computar um determinado dado. Em primeiro lugar, o teste era verificar se a sentença clivada selecionada permitia a sua transformação numa sentença neutra/simplex sem que fosse alterado o sentido (o valor semântico) da frase, mantendo-se compreensível mesmo após sua transformação. Observemos a aplicação desse teste no exemplo em (36):

- (36) a. **Foram os garotos que** fizeram este desenho.
 b. ((...) *Os garotos (...)* fizeram este desenho).
 c. **É um pessoal que** nem os daqui.
 d. *((...) *um pessoal (...)* nem os daqui).

Podemos perceber que na transformação da sentença clivada em (36a) para uma sentença simples em (36b), não houve nenhuma alteração do significado expresso na frase, continuando a ser semanticamente o mesmo. Ao contrário, no exemplo em (36c), sua

transformação para uma sentença simples, em (36d), torna a frase sem sentido ou agramatical. Observa-se assim que, muitas vezes, a simples supressão da cópula “ser” e da partícula “que” é suficiente para que a frase torne-se uma oração simples. No entanto, este teste não se aplica a todos os exemplos de clivagem, confira em (37):

- (37) a. *É essa aqui a cana **que** eu falei.* (CZ-08)
b. (...) *essa aqui a cana (...) eu falei.*

É evidente que quando o falante preenche a posição do XP e do DP, numa mesma sentença, esse teste não funciona, pois o “que” funciona como pronome relativo do XP.

Contudo, a sentença em (37) faz parte dos dados analisados como PC. O teste de transformação, portanto, só funciona para as clivadas.

Outro critério na seleção dos dados era verificar se a sentença selecionada era mesmo uma clivada ou apenas uma sentença composta de um SN modificado por uma oração relativa restritiva. Vejamos os exemplos em (38):

- (38) O que é aquele pacote?
É um livro que eu comprei.

Observando a sentença resposta em (38), à primeira vista, ou sem observar o contexto, parece ser uma clivada, é iniciada por um verbo copulativo e seguida de “X que”. Contudo, ao olharmos com mais cuidado, vemos que a oração relativa restritiva “que eu comprei” apenas está modificando o SN “um livro”, acrescentando mais uma informação para o falante que faz a pergunta, sem apresentar uma leitura de clivagem. Toda a sentença, portanto, é entendida como informação nova.

Vamos observar agora a sentença descrita em (39):

- (39) O que você comprou?
Foi um livro que eu comprei.

A sentença em (39), ao contrário, traz o elemento focalizado “um livro” contendo a informação nova, seguida da parte pressuposta da sentença, a oração “que eu comprei”.

2.4 A variável dependente

Na seção 2.3, apresentamos todos os tipos de clivagem que foram selecionados para coleta nos inquéritos analisados. No entanto, nem todos os tipos foram encontrados, além de apenas alguns apresentarem números quantitativamente relevantes para a análise estatística no programa VARBRUL. Sendo assim, nossa variável dependente foi composta, inicialmente, com as estratégias de clivagem que apresentaram o maior número de ocorrências: a Clivada-básica (CLIV), a Pseudo-clivada (PC), a Clivada-invertida (CLIV-inv), a Pseudo-clivada-invertida (PC-inv), a Clivada-em-cópula (CLIV-sem-cóp) e a Pseudo-clivada reduzida (PC-red). Exemplos em (40):

- | | |
|---|-----------------------------------|
| (40) a. Foi Pedro que eu conheci. | Clivada-básica (CLIV) |
| b. Quem paga sou eu. | Pseudo-clivada (PC) |
| c. Carlos é que trabalha lá. | Clivada-invertida (CLIV-inv) |
| d. Dinheiro é o que ele quer. | Pseudo-clivada-invertida (PC-inv) |
| e. (<i>é</i>) Mariana (<i>é</i>) que vai comigo. | Clivada sem cópula (CLIV-sem-cóp) |
| f. (<i>O que</i>) eu peguei foi uma gripe danada. | Pseudo-clivada-reduzida (PC-red) |

Apesar de mostrarmos seis tipos de sentenças clivadas, a variável dependente foi formada com apenas cinco tipos, pois os números de Clivada-invertida e Pseudo-clivada-invertida, computados separadamente, foram quantitativamente inferiores aos demais tipos, o que resultaria em ilustrações pouco significativas. Assim, embora tenhamos considerado na seção 1.1, seguindo Modesto (2001), que as Clivadas-invertidas e Pseudo-clivadas-invertidas constituem tipos distintos de clivagem, em função do número de ocorrências apresentado, decidimos seguir a análise sintática de Kato et alii (1996), e unir os dois em um único rótulo: Clivada-invertida (CLIV-inv). Desse modo, os exemplos ilustrados em (40c,d) passam a compor um só grupo, como reescrito em (41):

- | | |
|--|----------|
| (41) a. Carlos é que trabalha lá. | CLIV-inv |
| b. Dinheiro é o que ele quer. | |

Sendo assim, de agora em diante, sempre que nos referirmos aos números de ocorrências e percentuais de clivada-invertida (CLIV-inv) corresponderá aos números e percentuais de Clivada-invertida e de Pseudo-clivada-invertida.

2.5 As variáveis independentes

Mostramos nesta seção a composição das variáveis independentes para verificar se o comportamento lingüístico dos falantes que compõem os *corpora* do dialeto rural afro-brasileiro, no que se refere ao fenômeno analisado, é condicionado por algum tipo de fator lingüístico. Assim, apresentamos a seguir as variáveis lingüísticas explanatórias selecionadas nesta pesquisa:

- a) Estrutura da pergunta;
- b) Estatuto focal da clivagem
- c) Estatuto sintático do constituinte focalizado
- d) Pessoa do discurso
- e) Concordância verbal na cópula
- f) Concordância com o verbo da oração encaixada
- g) Animacidade do termo focalizado
- h) Tempo do verbo copulativo
- i) Tempo do verbo da oração principal

2.5.1. Estrutura da pergunta

Na escolha desta variável, buscamos verificar se o uso de um determinado tipo de sentença clivada era condicionado pelo tipo de pergunta feito na interação verbal. Uma vez que os *corpora* estudados são compostos de inquéritos em que os falantes são entrevistados por um documentador, destacamos e coletamos todos os tipos de perguntas que antecediam as formas de sentenças clivadas estudadas na pesquisa. Em seguida, procuramos traçar um perfil dos tipos de perguntas encontrados e agrupá-los de maneira que cada grupo representasse os tipos com as suas características.

Inicialmente, compomos uma chave de codificação que contemplasse os tipos de perguntas mais usuais, cujas estruturas estão expressas em (42), com os respectivos exemplos:

(42) Estrutura da pergunta

a) pergunta clivada

Foi você **que** bateu a porta?

b) pergunta pseudo-clivada

Quem fez esse serviço **foi** Mariano?

c) pergunta clivada invertida

A senhora **é que** faz esses doces?

d) pergunta-QU

O que você faz pela manhã? / Pela manhã, você faz o quê?

e) pergunta sim ou não

O senhor trabalha na roça?

Entretanto, os primeiros resultados quantitativos revelaram que muitas das sentenças clivadas coletadas não eram decorrentes das perguntas lançadas pelo documentador, isto é, o falante discorria sobre um tema qualquer e em determinado momento construía uma sentença clivada. Vejamos o exemplo ilustrativo em (43) que representa casos desse tipo:

(43) DOC - Sei .

INF - Ele é assim como tubatinga. Aí, agora, ocê mói nele e põe co... uma coié na água e bebe... pode mexê e bebê, ocê num... num vê terra , num vê nada. Aí, agora, a gente bebe e também massa ele e põe massa ele e ni qualqué dô.

DOC - Hum, hum!

INF - Se tivé febre, oro. **O que cura é a fé.**

(RC-13)

Por causa disso, os valores de cada tipo de pergunta se mostraram pouco significativos. Os tipos a) pergunta clivada; b) pergunta pseudo-clivada e c) pergunta clivada invertida, mostraram os menores percentuais no cômputo geral. Sendo assim, redistribuímos a variável “estrutura da pergunta” associando os tipos a), b) e c) ao tipo d), compondo a variável em apenas duas variantes: a pergunta-QU e a pergunta sim ou não.

2.5.3 Estatuto focal da clivada

Esse é um dos fatores que consideramos de grande importância no estudo aqui realizado, visto que representa um dos traços característicos das sentenças clivadas, sua relação com o foco informacional e com o foco contrastivo. Sendo assim, observamos o contexto conversacional em que estava inserido o dado selecionado e adotamos alguns critérios para sua posterior classificação. Selecionamos, então, os seguintes critérios para identificar o tipo de estatuto focal do constituinte clivado:

a) em primeiro lugar, observamos o tipo de pergunta feito pelo documentador, exemplos em (44) e (45) :

(44) DOC: E quem fundô isso aqui?

INF: Ah, (foi) esses mais véio (foi) que fundô isso aqui. (CZ-11)

(45) DOC - A senhora nunca foi a São Paulo?

INF - Não senhô.

DOC - Hum!

INF - Quem sempre vai a São Paulo é MEU MARIDO. (RC-13)

Observando o exemplo em (44), podemos perceber que no conteúdo da informação da resposta do entrevistado não há nenhum efeito contrastivo em relação à pergunta do documentador, apenas traz uma informação. Nesse caso, a CLIV-sem-cóp em (44) tem seu estatuto focal classificado como informacional. Já no exemplo em (45), vemos claramente que a resposta do informante cria um contraste com a informação contida na pergunta do documentador, o que nos leva a classificar seu estatuto focal de contrastivo.

b) em segundo lugar, se a sentença não está relacionada com alguma pergunta, verificamos o discurso do falante, como ilustrado nos exemplos em (46):

(46) a. INF: (...) quem tem terra pequena num paga imposto, mas, quem tem cinquenta hectaere acima tem que pagá. É dez real que paga de imposto.

b. INF(06): (...) a dona Rosa chegô e me chamô, proguntô, (...) quem é o presidente da associação daqui dos moradores? Eu falei: sô eu, eu num é eu, é a minha *muié*, mas, **quem se responsabiliza sou EU...**

O exemplo em (46a) mostra que a sentença CLIV destacada traz apenas uma informação acerca do valor pago de imposto pelos donos de terra do local, não havendo nenhuma outra informação para contrastar com essa. Logo, também terá seu estatuto focal classificado como informacional. Por outro lado, vemos que há um contraste entre a informação destacada em caixa ALTA “EU”, contida na pseudo-clivada em (46b) e a informação em itálico “*muié*” que a antecede. Por isso, será classificada como contrastiva.

Conforme as exemplificações acima, de estatuto informacional e de estatuto contrastivo, de agora em diante, sempre que mostrarmos um exemplo de foco contrastivo, este estará destacado em CAIXA ALTA. Quando o exemplo for de foco informacional ou apenas ilustrando uma estratégia qualquer de clivagem, o constituinte focalizado estará destacado em *itálico*.

2.5.4 Estatuto sintático do constituinte focalizado

Esse fator foi selecionado em função de ser analisado em praticamente todo estudo realizado sobre o fenômeno da clivagem (cf. Kato et alii (1996); Braga (1991); Brito e Duarte (2003) entre outros). Desse modo, buscamos também observar a relação existente entre o estatuto sintático do elemento focalizado e o tipo de sentença clivada, procurando constatar se há algum favorecimento no uso desse ou daquele tipo de clivada em decorrência da função sintática do constituinte focalizado. Vejamos exemplos em (47):

(47) a) Sujeito

O POVO é que conta.

b) Objeto direto

É O MILHO que tá esperando.

c) Adjunto adverbial

Foi lá que ela levô nós.

2.5.5 Pessoa do discurso

Analisando os dados, observamos um dos aspectos que sempre tem motivado os estudos lingüísticos no português brasileiro, tanto na variante *standard* quanto na *substandard*, que é a não-aplicação da regra de concordância, seja no sintagma nominal, seja no sintagma verbal. Nosso interesse aqui é observar a concordância no sintagma verbal, seja de número ou de pessoa.

As diferentes estratégias de clivagem apresentam características sintáticas e discursivas próprias que possivelmente condicionem a aplicação ou não da regra de concordância no sintagma verbal. Sendo assim, pensamos primeiramente em estruturar uma variável que identifique a pessoa verbal do sujeito clivado¹⁹. Segue a estrutura desta variável nos exemplos em (48):

(48) a. fui/sou (+ pessoa – plural)

Sou **eu** que mando aí.

b. é/foi/era (– pessoa – plural)

Quem ta lá é **Joana**.

Foi **ela** que foi saindo.

c. somos (+ pessoa + plural)

Somos **Nós** que fazemos o serviço pesado.

d. são/foram (– pessoa + plural)

Foram **eles** que perderam o jogo.

Como podemos observar em (48), a flexão de pessoa do verbo copulativo identifica qual a pessoa do discurso: a) corresponde ao pronome eu; b) corresponde a você/ele(a)²⁰; c) corresponde ao pronome nós; d) corresponde aos pronomes eles(as).

¹⁹ A identificação da pessoa verbal observada nesta pesquisa está baseada na definição segundo à norma padrão e à flexão do PB atual.

²⁰ Classificamos “você” menos pessoa porque não exige marcas de concordância no verbo.

2.5.6 Concordância verbal com a cópula

Esta variável foi composta para observarmos a aplicação da concordância tanto de número, quanto de pessoa entre o verbo copulativo e o sujeito nas estratégias de clivagem²¹. Sendo assim, a variável foi composta de acordo com a descrição em (49):

(49) a. (+) c/concordância

Fui eu que fiz.

Somos eu e Paulo que plantamos aqui.

Os que pegam **são** eles.

b. (-) s/concordância

É nós que vendemos na feira.

Como exposto em (49), consideramos na concordância com cópula apenas as pessoas que possuem as marcas de pessoa e/ou plural, conforme a identificação na variável “pessoa do discurso” a), c) e d).

É nosso objetivo também constatar se ocorre ou não paralelismo modo-temporal entre a cópula e o verbo da oração encaixada.

2.5.7 Concordância com o verbo da oração encaixada

Esse fator segue as mesmas considerações usadas na variável “Concordância verbal na cópula”. Neste caso, a observação concentra-se no verbo da oração encaixada e sua relação de concordância com o sujeito da sentença clivada. Vejamos a forma desta variável em (50):

(50) a. ([]) c/ concordância

Sou eu que **estou** no comando.

b. ({ }) s/ concordância

São nós que/quem **está** no comando.

²¹ A CLIV-sem-cóp não pôde ser computada nesta variável, exatamente pelo fato de não conter um verbo copulativo em sua estrutura.

2.5.8 Animacidade do termo focalizado

Outro fator analisado na ordem de relevância foi o traço [+ Humano] e [- Humano] do constituinte focalizado. Observamos os contextos favorecedores para cada uma das variantes selecionadas, para constatar se os resultados obtidos com este fator estão diretamente ligados ao fator “estatuto sintático do constituinte focalizado”. Isto é, procuramos ver se a focalização do constituinte sujeito apresenta frequência do traço [+ Humano]; por outro lado, se a focalização de objeto, e certamente a de sintagma adverbial, estão mais relacionadas ao traço [- Humano]. Ver descrição em (51), a seguir:

(51) a. (h) [+ Humano]

São **as mulheres** que ficam na igreja.

b. (a) [- Humano]

É **feijão** que eu como todo dia.

Onde eu moro é **perto da barragem**.

Contudo, sabemos que pode ocorrer a focalização de elemento na função de sujeito com traço [- Humano], como mostra o exemplo a seguir:

(52) (a) [- Humano]

Foi **o caminhão** que derrubou o muro.

2.5.9 Tempo do verbo copulativo

Em relação aos verbos que compõem as estratégias de clivagem, consideramos relevante controlar o tempo da cópula e observar as probabilidades de condicionamentos de uso das variantes de clivagem. Desse modo, estruturamos essa variável da seguinte forma:

(53) a. (@) Pret. perf.

Foi ela que quebrou o jarro.

b. (%) Presente

É Pedrinho que conhece ele.

c. (*) Futuro

Quem vai fazer esse trabalho será ela²².

d. (&) Pret. imperf.

Quem pegava os sacos era eu.

2.5.10 Tempo do verbo da oração encaixada

Ainda seguindo o tempo dos verbos nas estratégias de clivagem, decidimos observar também o tempo do verbo da oração encaixada. Esperamos, com a seleção desse fator, aliado ao fator “tempo da cópula”, observar a seleção de tempo verbal em relação aos usos de tipos de clivagem, além da aplicação do paralelismo modo-temporal entre esses verbos. Segue a descrição da variável:

(54) a. (A) Pret. perf.

Quem mandou essa coisa foi Juca.

b. (P) Presente

É cacau o que eu planto aqui.

c. (*) Futuro

Será o dono que vai pagar o prejuízo.

Será o dono que pagará o prejuízo²³.

d. (&) Pret. imperf.

Quem pegava os sacos era eu.

Entretanto, pela baixa ocorrência das pessoas do discurso que condicionam a concordância verbal (eu, nós, eles(as)), o que originou o programa VARBRUL não selecionar

²² Foram incluídas, nesta variável ((*) Futuro), as formas do futuro do presente e as do futuro do pretérito.

²³ Ilustramos apenas as formas de futuro que naturalmente encontramos no português falado, no entanto, consideraremos válidas qualquer das formas que por ventura venham surgir.

como estatisticamente relevantes algumas variáveis relacionadas aos verbos na clivagem, decidimos não apresentar os resultados das seguintes variáveis: “Pessoa do discurso”, “Concordância com o verbo da oração encaixada”, “Concordância verbal na cópula” e “Tempo do verbo da oração encaixada”. Sendo assim, apresentamos na análise apenas os resultados da variável “Tempo do verbo copulativo” e, ainda neste item, exemplificamos e discutimos os casos de concordância que consideramos relevantes.

2.6 As variáveis extralingüísticas

As variáveis extralingüísticas foram consideradas relevantes na tentativa de observar quais condicionamentos sociais estariam atuando para a realização de uma ou mais estratégias de clivagem. Desse modo, os fatores sociais computados nesta pesquisa foram:

- a) gênero;
- b) faixa etária;
- c) escolaridade;
- d) estada fora da comunidade;
- e) localidade.

2.6.1 Gênero

Ao estabelecermos a variável “gênero”, esperamos que ocorra algum comportamento diferenciado no que diz respeito ao uso das estratégias de clivagem entre homens e mulheres.

Embora as mulheres, no contexto sócio-cultural das comunidades analisadas, também exerçam algumas atividades fora de seu convívio familiar, são elas que estão mais envolvidas com os afazeres domésticos e com a criação dos filhos, o que as leva a passar um tempo maior isoladas dentro de suas propriedades. O que, segundo Lucchesi (2000), “acabam por conservar mais os primitivos usos lingüísticos”.

Por outro lado, os homens além de exercerem atividades profissionais fora de suas propriedades, alguns deles também atuam como proprietários de pequenos comércios (embora essas comunidades tenham pouca infraestrutura comercial), fatos que os levam ao contato maior com outros indivíduos.

2.6.2 A faixa etária

É comum numa pesquisa de análise sincrônica reconstruir-se a dimensão temporal através do recurso de tempo aparente, utilizando-se da distribuição da idade dos informantes, de maneira que esta possa espelhar momentos do passado. Esse recurso utilizado nas pesquisas sociolingüísticas, segundo modelo laboviano, permite observar se um determinado fenômeno encontra-se em processo de mudança ou em variação estável.

Sendo assim, distribuimos os dados analisados de acordo com as faixas etárias agrupadas da seguinte forma; como já apresentado em 2.1:

- a) faixa I – de 20 a 40 anos;
- b) faixa II – de 41 a 60 anos;
- c) faixa III – de 61 a 80 anos;
- d) faixa IV – mais de 80 anos.

2.6.3 Escolaridade

Outro fator social selecionado nesta análise é a escolaridade do informante, uma vez que sabemos a influência que o ensino exerce no comportamento lingüísticos dos indivíduos de um modo geral.

Apesar de a classificação dos informantes das comunidades estudadas quanto ao nível de escolaridade limitar-se a analfabetos e semi-analfabetos (estes com apenas um ano de escolaridade, muitas vezes, só com a capacidade de “desenhar” o nome), esperamos encontrar um uso diferenciado entre esses grupos de informantes seja no uso de formas inovadoras, seja no uso de formas mais conservadoras.

2.6.4 Estada fora da comunidade

A intenção de selecionar esta variável é de observar se o uso da variante inovadora está ligado aos informantes que estiveram fora da comunidade ou se surgiu dentro da própria comunidade.

Como explica Lucchesi (2000:290), é comum nestas comunidades que homens e mulheres saiam em busca de melhores condições de trabalho, seja no meio agrícola, em

regiões mais desenvolvidas, seja em grandes centros urbanos, fato que possibilita “a importação de padrões lingüísticos e culturais externos”.

2.6.5 Localidade

Como foi explicado na seção 2.1, “A composição dos *corpora* selecionados”, o quadro das comunidades é composto de quatro localidades rurais de afro-descendentes que compartilham características sócio-históricas (serem remanescentes de quilombo ou de grupos de ex-escravos) e ao mesmo tempo diferenciam-se em decorrência de determinados fatores, como explica Silva (2004:109): a) a dificuldade de acesso à comunidade de Cinzento faz com que haja pouco contato com outros dialetos; b) a comunidade de Helvécia possui características crioulezantes comprovadas por estudos de alguns aspectos de sua gramática (cf. Silva, 2004); c) acredita-se que a atividade turística na comunidade de Rio de Contas pode estar influenciando na fala de seus habitantes; d) acredita-se na possibilidade de encontrarem-se na comunidade de Sapé “registros de processos de mudança induzidos pelo contato entre línguas”, em função do isolamento existente nessa região.

2.7 A leitura das tabelas e o programa VARBRUL

Consideramos, no critério de relevância para a análise dos dados nesta pesquisa, em primeiro lugar, o peso relativo das variáveis selecionadas pelo programa VARBRUL. Desse modo, sempre que apresentarmos uma tabela em que constem os pesos relativos das variantes, serão estes que receberão destaque na leitura das tabelas.

Selecionamos quatorze variáveis explanatórias para quantificação pelo pacote de programas VARBRUL; contudo, apenas seis foram consideradas relevantes pelo programa, utilizando-se o nível de significância igual ou menor que .05. Embora nem todas as variáveis tenham sido consideradas pelo pacote de programa VARBRUL, construímos tabelas e gráficos com o número de ocorrências e a frequência das variáveis computadas pelos programas MAKE 3000 e VARB 2000, que consideramos relevantes para a análise nesta pesquisa.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, mostramos os resultados da análise dos dados, depois de serem codificados e submetidos ao pacote de programa de análise quantitativa VARBRUL. Apresentamos as tabelas com o número de ocorrências das sentenças clivadas, destacando os tipos que revelaram os resultados mais significativos, com os percentuais e pesos relativos correspondentes. Mostramos também os gráficos referentes aos percentuais dos fatores lingüísticos e extralingüísticos mais relevantes. São analisados também os tipos que, embora não tenham apresentados valores quantitativos relevantes, foram coletados nesta pesquisa.

Fazemos também uma análise comparativa dos resultados encontrados aqui com os de outros estudos já realizados sobre o fenômeno da clivagem no PB.

3.1 Os tipos encontrados

Dos tipos de clivagem encontrados nos *corpora* analisados, consideramos para quantificação no programa VARBRUL apenas os que apresentaram índices numericamente satisfatórios. Os tipos considerados foram: a CLIV, a CLIV-inv, a CLIV-sem-cóp, a PC, PC-red e a PCE. Contudo, antes de apresentarmos uma análise detalhada das construções qualitativamente relevante, optamos por delinear um quadro geral das diferentes estratégias de clivagem nos *corpora*, o que é feito no item 3.1.1 a seguir.

3.1.1 Os tipos de construções clivadas do PB rural

O primeiro tipo que analisamos aqui é a CLIV, cuja estrutura já comentamos na seção 1.1. É interessante perceber as diferentes possibilidades que os falantes têm de combinar os tipos de constituintes na composição da CLIV. Em (55), apresentamos as possibilidades de focalização pela CLIV, com diferentes funções sintáticas:

- | | |
|--|---------|
| (55) a. <i>é Salviano</i> que conversa. | (CZ-09) |
| b. <i>é por causa disso</i> que fica assim. | (HV-07) |
| c. <i>foi um bando de filho</i> que ele teve. | (SP-12) |
| d. <i>é dessas</i> que gente bebe aí. | (RC-26) |

Observamos em (55a) a focalização de um constituinte na função de sujeito; em (55b), de adjunto adverbial; em (55c) de objeto direto; em (55d), o que as gramaticais tradicionais classificam de objeto indireto partitivo.

Um fato interessante observado nas sentenças clivadas é a possibilidade de focalização de mais de um constituinte. Confira no exemplo (56) a seguir:

(56) DOC.: Hum...

INF: ...primêra dama ININT que foi Eliana Ferrêra, **foi o prefeito de Planalto, em setenta e cinco que** mandô o tratô abri a estrada por aí pa fazê esse colégio aí.

(CZ-06)

Vemos que, no exemplo em (54), o falante traz duas informações distintas: o prefeito, a pessoa que mandou abrir a estrada; e a época em que aconteceu esse fato. Temos, então, a focalização de dois constituintes: um na função de sujeito e outro na de adjunto adverbial de tempo, respectivamente. O que consideramos um caso de “Dupla Focalização”.

Braga (1991), em estudo sobre o funcionamento das sentenças clivadas no discurso semi-coloquial oral falado do Rio de Janeiro, apresenta um exemplo classificado de “DUPLO FOCO”, como indicado em (57) (destaque nosso):

(57) F: ... (...) O rombo tá muito grande (X)... O rombo é muito grande. Então pa eles tentar fechar, quem sofre é a gente, rapaz! É a gente é que sofre.

No entanto, temos outra interpretação para esse exemplo de Braga (1991). Podemos observar que o falante, antes mesmo de construir o exemplo destacado pela autora, produz uma PC “quem sofre é *a gente*”, em que mostra claramente qual a informação que ele quer que seja destacada na posição pós cópula “*a gente*”. Logo, o que o falante faz em seguida é reforçar a informação focalizada na PC, utilizando-se de outra estratégia, em que mantém, realizada foneticamente, a cópia da cópula gerada no VP, em vez de apagá-la (ver estrutura em (58)):

(58) [_{IP} É_i [_{FocoP} a gente [_{VP} é_i [_{SC} que [_{DP} sofre]]]]].

Outro fato observado nas estratégias de clivagem diz respeito ao preenchimento das posições de constituinte focalizado, isto é, o falante tem a possibilidade de preencher apenas a posição do XP, ou apenas a posição do DP, ou as duas posições numa mesma sentença, como

em (59). (de acordo com a descrição estrutural das clivadas apresentada por KATO et alii, 1996, p. 329, ilustrada na seção 1.5):

(59) a. **é Salviano que** conversa. (CZ-9)

a'. **é** [_{XP} *Salviano* [_{DP} (a pessoa) [_{CP} Op [_{C'} **que** conversa]]]].

b. **foi ele que** fez tudo. (SP-5)

b'. **foi** [_{XP} *ele* [_{DP} (a pessoa) [_{CP} Op [_{C'} **que** fez tudo]]]].

c. **é essa aqui a cana que** eu falei. (CZ-8)

c'. **é** [_{XP} *essa aqui* [_{DP} *a cana* [_{CP} Op [_{C'} **que** eu falei.]]]].

Podemos observar que, em (59a), na posição de constituinte focalizado, tem-se um nome (um DP pleno) “*Salviano*”, preenchendo apenas a posição do XP; em (59b), um pronome “*ele*” na posição de XP e, no exemplo em (59c), uma PCE, tem-se as duas posições preenchidas, a do XP “*essa aqui*” e a do DP “*a cana*”.

Outro tipo encontrado nos *corpora* analisados é a CLIV-inv, que também tem a propriedade de focalizar constituintes com diferentes funções sintáticas. Em (60), ilustramos alguns exemplos:

(60) a. *Ele é que* assiste muito. (HV-4)

b. *No ôto dia é que* vai fazê. (RC-4)

c. *Isso é que* eu falo. (HV-19)

Em (60a), observa-se um exemplo de focalização de sujeito; em (60b), focalização de constituinte na função de adjunto adverbial; e em (60c), a focalização de objeto direto.

A CLIV-sem-cóp também foi encontrada nesta pesquisa e caracteriza-se evidentemente por não conter a cópula em sua estrutura. O que não a impede, no entanto, assim como a CLIV e a CLIV-inv, de focalizar constituintes com diferentes funções sintáticas. Isso pode ser comprovado nos exemplos listados em (61):

(61) a. (*Era*) *eu mermo (era)* que torrava farinha. (SP-12)

b. (*É*) *meu sofrimento (é)* que eu tô lhe contano. (CZ-10)

c. (*É*) *na hora de aprontá alguma (é)* que ela brigava. (SP-1)

Em (61a), temos a focalização de sujeito; em (61b), a focalização de objeto e em (61c), a focalização de adjunto adverbial.

Podemos interpretar que a posição da cópula neste tipo de sentença pode estar antes do constituinte focalizado, no início da sentença, o que a identificaria como uma CLIV, ou após o constituinte focalizado, junto ao complementador, constituindo-se numa CLIV-inv, como demonstramos nos exemplos com as possibilidades de pouso da cópula entre parênteses.

As PCs foram encontradas em número bastante significativo nos *corpora* aqui analisados, apresentando os mesmos recursos de focalização de constituintes com diferentes funções sintáticas. Entretanto, as PCs contêm uma propriedade sintática que as diferenciam no universo das clivadas, como explica Kato et alii (1996), o fato de ter sempre um pronome relativo contendo traços de concordância que identifique a categoria vazia, núcleo da relativa. Em (62), ilustramos alguns exemplos de PCs focalizando constituintes com diferentes funções sintáticas:

(62) a. **Quem** usa **é** meu filho. (HV-12)

a'. [_{TP} **Quem** usa_k [_{T'} **é**_i [_{VP} t_i [meu filho t_k]]]].

b. **O que** eu tenho **é** ISSO. (HV-20)

b'. [_{TP} **O que** eu tenho_k [_{T'} **é**_i [_{VP} t_i [ISSO t_k]]]].

c. **Quano** batizô **foi** *nessa casião*. (CZ-10)

c'. [_{TP} **Quano** batizô_k [_{T'} **foi**_i [_{VP} t_i [*nessa casião* t_k]]]].

Podemos observar que, em cada exemplo listado em (62), há um pronome relativo concordando com os traços do constituinte focalizado. Em (62a) tem-se o pronome relativo “Quem” concordando com o traço (+ humano) do constituinte focalizado “meu filho”; em (62b), tem-se “O que” concordando com o traço (– humano) de “isso” e, em (62c), “Quando” concordando com o traço (+ tempo) do adjunto de tempo “nessa ocasião”.

As PCs apresentam a propriedade, em sua configuração sintática, de poder ocorrer com um DP antecedendo o pronome relativo, isto é, podemos ter a composição básica das PCs, na qual a relativa livre é introduzida por um pronome relativo (o que, quem, quando, etc.) ou composta por: um nome + morfema-Q (a coisa que, o dia quando, o lugar onde, etc.²⁴). Desse modo, encontramos exemplos do tipo apresentado em (63) a seguir:

²⁴ O que mostra que não se pode interpretá-la como uma relativa livre (cf. Brito e Duarte, 2003, p. 678-680).

- (63) a. *a pimêra **que** veio no lugá **foi** ela..* (CZ-10)
b. *o transporte **que** tem **é** caminhão.* (CZ-1)

Apenas exemplos desses tipos de PCs descritos em (63) foram encontrados nos *corpora* analisados; os outros tipos compostos por “o dia *quando*”, “o lugar *onde*”, “o jeito *como*” não foram atestados, embora haja realização de PC com **quando**, como no exemplo em (62c).

A PC-red é outro tipo de sentença clivada, encontrado nos dados do português rural afro brasileiro, que compartilha as mesmas características da PC básica, mas com uma diferença, o apagamento do sintagma-QU. Como explica Kato et alii (1996), essa é uma estratégia utilizada no PB de criar uma PC ainda que não haja um sintagma-QU explícito capaz de estabelecer o valor da variável. Observamos alguns tipos de PC-red encontrados e exemplificados em (64):

- (64) a. *(do que) eu gosto **é** de ROÇA.* (HV-13)
b. *(o que) Eu quero **é** menina mesmo.* (CZ-8)
c. *(como) fui nascida e criada **foi** na enxada.* (CZ-8)

Vemos em (64a) a focalização de um objeto indireto; em (64b), um objeto direto e em (64c), um adjunto adverbial.

Encontramos também casos de PC-red focalizando sujeito, estratégia que, segundo Brito & Duarte (2003), não é permitida no PE, como mostramos em 1.1 “Tipos de Clivagem”. Observem os exemplos em (65):

- (65) a. *(quem) compô o lugá **foi** Sérgio.* (CZ-10)
*(quem) tá vindo **é** o padre Juselito.* (CZ-9)

3.1.2 As estratégias de clivagem em Lambrecht

Como foi comentado na seção 1.1.3 (com base no estudo de Lambrecht (2001)), existem diversas estratégias de clivagem com estruturas que não as já tradicionalmente conhecidas. Por exemplo, encontramos como uma das possibilidades de focalização a que se utiliza do verbo “*ter*” como substituto da cópula, que poderíamos apontar como semelhante ao tipo “*have*” do inglês apresentado por Lambrecht (2001). Observamos que no PB rural, o uso do verbo “*ter*” pode apresentar as seguintes interpretações:

I – “ter” – na terceira pessoa do singular, em substituição do verbo haver, com sentido existencial;

(66) DOC : E vende?

INF : Vende. **Tem gente aí que vende.** (SP-4)

II – “ter” – na terceira pessoa do singular, relacionado ao verbo “fazer”, com sentido de tempo;

(67) DOC: Ah, essa é nova, então!

INF: É... **tem uns seis ano que fez.** (SP-1)

III – “ter” – concordando com o sujeito da sentença, no sentido de posse;

(68) DOC: Mas pelo meno tá mais perto da...da cidade, né?

CIRC: Eu **tenho um filho que** mora lá. (CZ-11)

É fácil perceber que no exemplo em (66), o “ter” está no sentido existencial (*existe gente ...*); em (67), tem-se a noção de tempo (*faz uns seis anos ...*); e o exemplo (68) revela claramente a noção de posse. Dos três usos de “ter” apresentado acima só o exemplo em (67) foi analisado como uma estratégia de clivagem.

Lambrecht (2001) mostra um outro tipo de clivagem, classificado de “since-cleft”²⁵, a estratégia de clivagem que usa a conjunção “desde”, CLIV-desde, introduzindo a sentença encaixada e o pronome expletivo “it” seguido do verbo “be” sinalizando o constituinte focalizado, como no exemplo (69) a seguir:

(69) **It’s been FORTY YEARS since** the FDA authorized the birthcontrol pill.

(*Tem-se passado **quarenta anos desde que a FDA autorizou a pílula de controle de natalidade***).

Encontramos uma construção contendo a conjunção “desde que”, com sentido temporal, que analisamos como um subtipo da “since-cleft”; ao contrário do tipo em inglês, nos exemplos em (70) há uma inversão na ordem das sentenças, ou seja, a conjunção “desde” passa a sinalizar o constituinte focalizado, substituindo o “it is” do inglês e o “que” assume a função de complementador introduzindo a sentença encaixada:

(70) a. **desde os dezoito ano que** ele saiu do Cinzento. (HV-20)

²⁵ “since-cleft” - “Clivada com desde”.

b. **desde eu rapaz que** eu sempre mexo com a pinga. (HV-12)

Podemos ainda considerar que, nos exemplos em (70), o falante está fazendo a omissão dos verbos: “ter”, em (70a), “desde que *tinha* dezoito anos ...”; e da cópula, em (70b), “desde que eu *era* rapaz...”.

Um outro tipo de clivagem discutido no estudo de Lambrecht (2001) é o denominado de “All-cleft”. Encontramos, nos *corpora* analisado, um tipo que compartilha a mesma estrutura do apresentado em Lambrecht (2001), semelhante a uma PC, em que a relativa ocupa a posição de sujeito e o constituinte focalizado é antecedido pela cópula. A diferença em relação à PC é exatamente o que lhe atribuí o nome, ter o pronome indefinido “tudo” introduzindo a relativa. Em (71), repetimos o exemplo de Lambrecht e, em (72), apresentamos o exemplo do PB rural:

(71) **All** this machine does **is** SWIM AND EAT.

(*Tudo que essa máquina faz é nadar e comer*)

(72) a. **Tudo que** a gente fala **é** graças a Deus. (RC-13)

Embora tenhamos apresentado outras estratégias de clivagem citadas no estudo de Lambrecht (2001), nos *corpora* estudados do português rural encontramos apenas esses tipos listados acima²⁶.

3.2 Os resultados computados pelo VARBRUL

Nesta seção, analisamos apenas os tipos de clivagem que apresentaram números relevantes para codificação e que puderam ser computados pelo programa VARBRUL, que foram a CLIV, a CLIV-inv, a CLIV-sem-cóp, a PC e a PC-red. Mostramos também tabelas e gráficos com os resultados numéricos e os percentuais correspondentes a cada tipo. Contudo, serão apresentados os pesos relativos apenas nas variáveis que o programa selecionou como estatisticamente relevantes.

²⁶ Talvez um estudo sobre a clivagem em *corpus* de fala popular urbana, ou mesmo de fala culta, seguindo a metodologia aqui adota, outros tipos sejam encontrados.

3.2.1 Os resultados totais dos tipos de clivagem

Na seção 2.4 da metodologia, mostramos que nossa variável dependente foi composta de cinco tipos de clivadas: a Clivada-básica (CLIV); Clivada-sem-cóp (CLIV-sem-cóp; a Clivada-invertida (CLIV-inv), esta, representando aqui, a Pseudo-Clivada-invertida e à Clivada-invertida²⁷; Pseudo-Clivada-básica (PC) e a pseudo-clivada-reduzida (PC-red).

Nossa primeira hipótese era de encontrarmos uma frequência maior de CLIV-sem-cóp, pelo fato de caracterizar uma estratégia típica do PB (como constatamos a partir da leitura de Brito e Duarte, 2003) e, conseqüentemente, também uma ocorrência maior de PC-red, por esta apresentar a mesma propriedade da CLIV-sem-cóp, a de omitir um elemento da sentença.

Nossa segunda hipótese fundamenta-se nos resultados do estudo de Kato et alii (1996), realizado em *corpus* de fala urbana culta, no qual a CLIV apresentou a menor frequência. Diante disso, nossa expectativa era de que também encontraríamos um baixo percentual de CLIV, uma vez que desde o século XVII, como afirma Kato e Ribeiro (2005), esta estratégia está presente no português.

Como foi dito na introdução desta pesquisa, a partir de agora, faremos a comparação de nossos resultados com os de outros trabalhos aqui mencionados, sempre que for possível relacioná-los.

Observem os resultados descritos na tabela-1:

TABELA 1 – Total de ocorrências dos tipos de clivagem encontrados

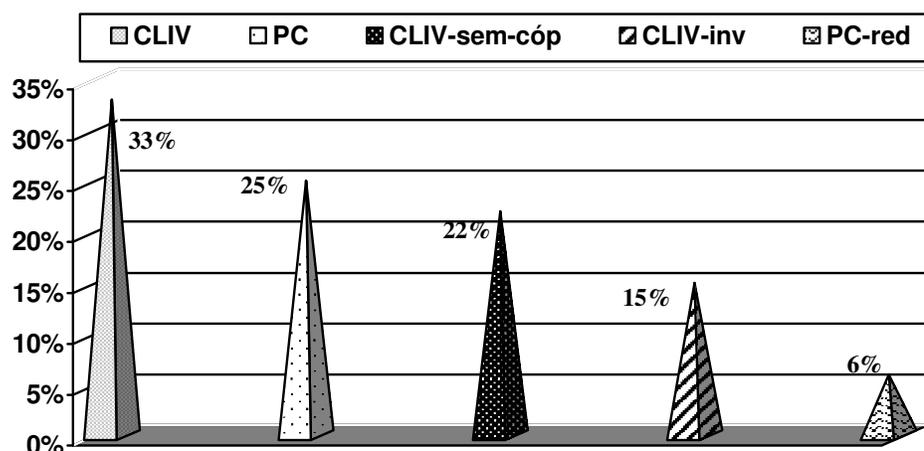
Tipos de Clivagem	Ocorrências.	%
CLIV	123/376	33
PC	93/376	25
CLIV-sem-cóp	81/376	22
CLIV-inv	57/376	15
PC-red	22/376	6

²⁷ De agora em diante, usaremos apenas as siglas correspondentes a cada tipo de clivada: (CLIV) = clivada-básica; (CLIV-sem-cóp) = clivada-sem-cópula; (CLIV-inv) = clivada-invertida e pseudo-clivada-invertida; (PC) = pseudo-clivada-básica e a (PC-red) = pseudo-clivada-reduzida.

Como mostra a tabela-1, dos três tipos de clivadas analisados, correspondendo a um total de 376 dados, temos a seguinte descrição dos resultados: a) a CLIV foi o tipo que apresentou o maior número de ocorrências 123, correspondendo a 33% do total; b) a PC foi o segundo tipo que se revelou mais freqüente, ocorreu 93 vezes, representando 25% do total geral; c) a CLIV-sem-cóp (uma das estratégias consideradas inovadoras nesta pesquisa) foi o subtipo de clivadas que ocorreu 81 vezes, perfazendo um total de 22%, apenas 12 ocorrências a menos do que a PC; d) a CLIV-inv ocorreu 57 vezes, correspondendo a 15% do total; e) e a PC-red apresentou o menor número de todos os tipos encontrados, 22 ocorrências, correspondendo a 6% do total.

Construímos também um gráfico representativo para visualizar melhor os resultados das ocorrências dos tipos de clivagem encontrados.

Gráfico 1 – Total de ocorrências dos tipos de clivagem encontrados



Retomando o estudo de Kato et alii (1996), fazemos agora as comparações dos resultados obtidos nesta pesquisa com os apresentados pelas autoras em seu estudo. Vale ressaltar que foram considerados em sua pesquisa apenas três tipos numericamente relevantes, a CLIV, a PC e a CLIV-inv:

- a) a CLIV-inv foi a estratégia que apresentou, 51%, ocorrendo 66 vezes; em nossos resultados, a CLIV-inv revelou uma freqüência de 15%, abaixo das CLIVs, das PCs e das CLIV-sem-cóp, conforme mostra o gráfico-1;

- b) em segundo lugar vem a PC com cerca de 29,5% de frequência, correspondendo a 38 ocorrências; aqui as PCs apresentaram também a segunda maior frequência 29%, equivalente a 93 dados (ver gráfico-1);
- c) a CLIV apresentou a frequência mais baixa, cerca de 19,4%, correspondendo a 25 ocorrências; ao contrário desse resultado, aqui as CLIVs apresentaram a maior frequência, 33% do total, equivalente a 123 ocorrências (cf. gráfico-1);
- d) encontramos ainda a CLIV-sem-cóp com uma frequência de 22%, o que corresponde a 81 ocorrências (cf. gráfico-1);
- e) a PC-red com 6% de frequência, equivalente a 22 ocorrências do total geral (cf. gráfico-1);

Comparando os resultados entre as duas pesquisas, podemos dizer, no que se refere à frequência de CLIV, PC e CLIV-inv, que as diferenças não são tão significativas. Contudo, nossos resultados quanto ao uso de CLIV-sem-cóp e a PC-red, apesar de esta última ter apresentado uma frequência relativamente pequena, comparada aos demais tipos aqui analisados, apontam para diferenças relevantes quanto às opções de uso das estratégias de clivagem entre o dialeto culto e o dialeto rural afro-brasileiro. Ao que parece, o dialeto culto tem uma preferência de uso de estratégias mais conservadoras (CLIV, PC e CLIV-inv), enquanto que o dialeto rural, além desses tipos, incrementam o uso de estratégias mais “inovadoras” (CLIV-sem-cóp e a PC-red).

3.2.2 Os resultados segundo a estrutura da pergunta

Com a escolha dessa variável procuramos obter resultados que revelassem algum condicionamento no uso de um determinado tipo de sentença clivada em função do tipo de pergunta feita pelo documentador. A seleção das perguntas foi desenvolvida à medida que elas apareciam durante os diálogos. Os resultados estão ilustrados na tabela-2 a seguir:

TABELA 2 – Estrutura da pergunta nos contextos de clivagem

Tipo de clivada	Pergunta-QU		Pergunta-S/N	
	Ocorrência.	%	Ocorrência.	%
CLIV	12/25	27/23	13/25	19/23
CLIV-sem-cóp	13/33	30/30	20/33	30/30
CLIV-inv	0/9	0/8	9/9	13/8
PC	17/38	39/34	21/38	31/34
PC-red	2/6	5/5	4/6	6/5
Total	44/111	100	67/111	100

A leitura da tabela-2 revela os seguintes resultados:

a) a CLIV mostrou um pouco de favorecimento quanto à pergunta-QU, de 23% no cômputo total para 27%, e uma queda na frequência quanto à pergunta sim ou não, de 23% para 19%.

Exemplos destes contextos estão em (73):

(73) a. DOC: Qual é dela é que é noiva?

INF: É Jeane **que** é noiva de um rapaz de Salvador. (SP-9)

b. DOC: E essa cana Inês, você que plantou?

INF: (...) **foi eu que** prantei essas cana. (CZ-8)

b) a CLIV-sem-cóp se revelou indiferente quanto ao tipo de pergunta: 30% para a pergunta-QU e 30% para a pergunta sim ou não. Alguns exemplos estão em (74):

(74) a. DOC: Ah!O povo de Lula que se exhibe?

INF:É. Os eleitô dele **que** se exhibe²⁸. (SP-1)

b. DOC: Ele come o quê?

INF: a gente **que** come ele e esse. (SP-4)

²⁸ Se desconsiderarmos a pontuação, a resposta é uma clivada com cópula (CLIV).

c) a CLIV-inv apresentou um total desfavorecimento com a pergunta-QU, ocorrendo apenas com a pergunta sim ou não, em contexto como em (75):

(75) a. DOC: Ué? Moraram juntos?

INF: Morô. Depois disso é que eu num quis mais. (SP-1)

Observa-se, em (75), que não é propriamente a resposta que ocorre na estrutura de CLIV-inv, mas o complemento da resposta. Contudo, parece difícil em um contexto de pergunta sim ou não o falante responder diretamente com uma construção clivada. O mais provável, como encontramos nos *corpora* do PB rural, é que o falante primeiro responda afirmativa ou negativamente, e em seguida complemente a resposta com uma construção de clivagem.

d) a PC mostrou um pouco de favorecimento pela pergunta-QU, 39%, e um pouco de desfavorecimento pela pergunta sim ou não, 31%, como ilustrado em (76):

(76) a. DOC: E quem...quem...planta aqui agora?

INF: Quem pranta aqui? Os que pranta a mesma lavôra...é a mesma lavôra.

(*Os que plantam essa lavora são as mesmas pessoas dessa lavora*) (CZ-9)

b. DOC: E Fabinho é registrado?

INF: É resistrado. Quem resistrô foi eu. (SP- 1)

e) a PC-red também se mostrou indiferente ao tipo de pergunta, 5% para pergunta-QU, e 6% para pergunta sim ou não, ilustrado nos exemplos em (77):

(77) a. DOC: E o padre que vem aqui é quem?

INF: Sei, viero o padre Istevo e agora tá vindo é o padre Juselito.

(CZ-9)

b. DOC: E cê fazia o quê lá no Cinzento? Na roça?

INF: Ué, trabalhava, dia a noite trabalhava...

DOC 2: Mas, pegava na enchada mesmo?

INF(09): Não! Hum, fui nascida e criada foi na enchada, minha mãe

ensinô nós trabalhá, eu trabalhava... (CZ-8)

Em resumo, este grupo de fator mostra que as CLIVs são favorecidas pelo tipo de pergunta-QU; a CLIV-sem-cóp mostrou que o tipo de pergunta não altera seu uso; a CLIV-inv é totalmente favorecida pela pergunta sim ou não; a PC apresentou um certo favorecimento pela pergunta-QU e uma diminuição no uso quando a pergunta é do tipo sim ou não; e a PC-red mostrou-se indiferente ao tipo de pergunta.

3.2.3 Os resultados segundo o estatuto focal

Na análise semântica das sentenças clivadas desenvolvida nesta pesquisa, de acordo com a interpretação de Prince (1978), consideramos como fator relevante o estatuto focal do constituinte clivado, relacionando-o com as interpretações de foco informacional e de foco contrastivo (discutido na seção 1.4). Parece-nos oportuno lembrar, com os exemplos ilustrativos em (78), como interpretamos a clivada com foco informacional e a clivada com foco contrastivo.

(78) a. DOC: A senhora foi no cozinhado?

INF: Ieu num fui não... quem foi foi INÊS. (CZ-10)

b. DOC: Ah, é pra isso que eles saem caminhando, né?

INF: É por isso que eles sai assim. (CZ-9)

A partir dos contextos como em (78), consideramos como ponto essencial para esta análise a comparação da pergunta feita pelo documentador com a resposta dada pelo informante, isto é, como mostra (78a): a resposta do informante nega a informação do documentador e sua afirmação cria um contraste entre a pergunta do documentador e a resposta do informante. Em (78b), ao contrário, o informante reafirma a informação expressa na pergunta do documentador.

No entanto, quando a sentença clivada construída não está diretamente ligada à pergunta do documentador, buscamos no contexto intratextual informações que revelem um sentido contrastivo ou apenas informacional. Vejamos exemplos em (79):

(79) a. INF: È... é... 'Prendê lê e escrevê agora. Vai pa 'prendê, poque se num aprendê

ININT eu vô falá com o professô... vô falá com o professô... Na hora que...

quando chegá pa escola... quando chegá na aula, agora, é ELES que resolve...

eles têm que tomá conta até... ela sair.

DOC: É professô, é?

INF: É... Tem um professô e uma professora... Aí quando chegá em casa, agora é eu. (HV-7)

b. DOC: Todo mundo vive bem aqui com sessenta, setenta, oitenta...

INF(06): É!

DOC: Cem...

INF: Aí mudô pra lá, lá morreu. Aí, a famía mora lá, não voltô mais. Agora sabeno que a herança dele, (...) É setenta hectare, dezoito alqueire. Eu pago imposto, declaro todo ano o ITR, pago imposto. Que quem tem terra pequena num paga imposto, mas, quem tem cinquenta hectaere acima tem que pagá. É dez real que paga de imposto. (CZ-6)

Em (79a), a CLIV é contrastiva, pois a informante fala que, enquanto a filha estiver na escola, são os professores que têm a responsabilidade por ela, “é ELES que resolve”, e o efeito contrastivo é criado quando a informante afirma que em casa ela reassume a responsabilidade, “Aí quando chegá em casa, agora é eu”. Em (79b), podemos perceber pelo contexto que a CLIV é apenas informacional, uma vez que não há nenhuma informação que possa criar um efeito contrastivo.

No entanto, os tipos de sentenças clivadas não se comportam da mesma maneira na focalização de constituintes com sentido contrastivo ou informacional. Vejamos os resultados da variável estatuto focal na tabela-3 a seguir:

TABELA 3 – Tipo de estatuto da informação do constituinte focalizado nas sentenças clivadas

Tipo de Clivadas	Informacional.			Contrastivo		
	Ocorr.	%	P.rel.	Ocor.	%	P.rel.
CLIV	89/123	37/33	.55	36/123	26/33	.41
CLIV-sem-cóp	60/81	26/22	.57	21/81	15/22	.38
CLIV-inv	14/57	6/15	.33	43/57	30/15	.77
PC	57/93	24/25	.51	36/93	26/25	.48
PC-red	17/22	7/6	.57	5/22	4/6	.38
Total	235/376	100	--	141/376	100	--

A partir das percentagens e pesos relativos apresentados na tabela-3, delinea-se:

- a) vemos que o estatuto informacional favorece um pouco as CLIVs, 37% contra 26% do estatuto contrastivo, confirmado pelo peso relativo, .55 contra .41, respectivamente;
- b) a CLIV-sem-cóp apresenta um comportamento semelhante ao da CLIV, mas com um favorecimento um pouco maior do estatuto informacional, 26% contra 15% do contrastivo, cerca de 19 pontos de diferença, além de diferenças quanto ao peso relativo: .57 para informacional e .38 para contrastivo;
- c) a CLIV-inv revela um comportamento diferente da CLIV e da CLIV-sem-cóp, isto é, mostra um forte favorecimento pelo estatuto contrastivo, 30% contra apenas 6% do informacional, como atesta também o peso relativo, .77 a favor do contrastivo e .33 a favor do informacional;
- d) a PC mostrou-se indiferente ao tipo de estatuto da informação, 24% do informacional, e 26% do contrastivo, com o peso de .51 a favor do informacional e .48 a favor do contrastivo;

Este resultado vem reafirmar nossas expectativas de que as CLIV-invs são a estratégia preferida pelos falantes quando a intenção é criar um efeito contrastivo com a informação dada.

Podemos agora estabelecer a relação entre o fator estatuto informacional e o fator estrutura da pergunta, (apresentado em 3.2.2), pois o tipo de pergunta certamente condiciona o uso da clivagem, se na resposta o falante pretende negar ou reafirmar a informação contida na pergunta. Observemos os exemplos em (80):

(80) DOC: Era mesmo?

INF: E diz que tinha onça... tudo tinha... no Cinzento.

DOC: E a senhora viu, não?

INF: Diz... o povo é que conta, os mato eu conheci...os mato eu conheci.

DOC: E as onça?

INF: Não...e o povo ININT.

(CZ-10)

No exemplo em (80), em que temos uma pergunta sim ou não, podemos inferir, a partir da resposta da informante, que ela não viu onça, “o povo é que conta (que existe onça)”. Logo,

ela nega a informação contida na pergunta do documentador, criando um sentido contrastivo com a resposta.

Os resultados apresentados aqui revelam que, apesar de os tipos de clivagem não se comportarem da mesma forma quanto ao estatuto da informação do constituinte focalizado, tanto o estatuto informacional quanto o estatuto contrastivo podem ser focalizados pelos cinco tipos de clivagem selecionados. No entanto, Brito e Duarte (2003:690) afirmam que nas Clivadas e nas Clivadas-Q²⁹ não se pode atribuir a interpretação de foco informacional³⁰ ao constituinte clivado. Apresentam os seguintes exemplos para fundamentar sua argumentação (cf. Brito e Duarte, 2003:690):

(81) A: *Quem é que o João matou?*

B: a. # **Foi a Maria quem** o João matou. (Clivada-Q)

b. # **Foi a Maria que** o João matou³¹. (Clivada)

A primeira questão que se coloca sobre a análise de Brito e Duarte (2003) está em que (81a) e (81b) são respostas adequadas, no PB, ao pedido de informação em (81A), ou seja, no PB é possível responder a pergunta-QU tanto com a Clivada quanto com a Clivada-Q³². Em segundo lugar, a partir dos exemplos em (82), observamos interpretação do estatuto informacional do constituinte clivado:

(82) DOC: Aprende o quê?... O que por exemplo?

INF: *É muntchas coisa assim **que** eu falo que... olha: na bem da verdade, eu sempre eu conzinhava, mas ieu num sabia conzinhá...* (CZ-1)

Não nos parece possível uma interpretação contrastiva do exemplo em (82), não existe algo na pergunta do documentador que possa gerar qualquer efeito contrastivo com o constituinte clivado “*mundchas coisa assim*”; nem encontramos na fala do informante algo que pudesse criar o mesmo efeito com o foco. O que comprova a possibilidade de uma interpretação informacional do constituinte focalizado nas CLIVs. Não só em relação à pergunta do

²⁹ As autoras classificam de Clivada-Q aquela em que, ao invés do complementador “que” tem-se um pronome relativo. Nesta pesquisa, estamos seguindo Modesto (2001) que classifica esse tipo de Pseudo-clivada-extraposta. Conforme exemplificação na seção 1.1, neste trabalho.

³⁰ As autoras argumentam que o impedimento para uma interpretação de foco informacional na Clivada-básica e na Clivada-Q é devido a uma operação de natureza discursiva denominada de *Scrambling*.

³¹ O símbolo (#) antecedendo os exemplos significa que as construções são adequadas em outro contexto, diferentes de foco informacional.

³² Embora possível, pode parecer estranha para alguns.

documentador, mas também em relação à própria informação intratextual em que ocorre a CLIV.

No estudo de Kato et alii (1996:336), as autoras afirmam que as PCs “não focalizam elemento com sentido contrastivo”. O que também não confere com os resultados aqui apresentados. Embora as PCs não tenham revelado aqui uma preferência por um determinado tipo de estatuto focal, encontramos, nos dados analisados, quase o mesmo percentual de PCs com foco contrastivo quanto com foco informacional. O que mostra que as PCs podem ter foco com valor contrastivo. Observemos os exemplos em (83):

(83) a. CIRC: Quem é que tá lá na terra do senhor?

INF(22): Ô, rapá, quem é que tá lá no minha terra, eu tenho uma... uma... uma fia lá, Lídia mora lá, mas tem lugá dela. Agora **quem tá tabaiano na fazenda na roça lá é Casimiro.** (HV-22)

b. DOC: Hum...

INF: Dos negro... **quem foi foi EU** mais... mais... com... com Cal... Lá. (CZ-10)

Vemos que em (83a) o falante cria um efeito contrastivo quando fala que tem uma filha “Lídia” morando em sua terra, mas quem está trabalhando na roça é “Casimiro”, o constituinte focalizado na PC. Em (83b), o foco tem valor de exaustividade, pois o falante seleciona o elemento “EU” dentro do conjunto dos negros.

Consideramos que a diferença entre o resultado aqui apresentado e o resultado do estudo de Kato et alii (1996) não seja decorrente de gramáticas diferentes, embora tratemos de estudos realizados em *corpora* de origens distintas. Pode-se conjecturar que faltaram situações contextuais ou discursivas que favorecessem o uso de PCs com sentido contrastivo nos dados do NURC/SP.

3.2.4 Os resultados segundo o estatuto sintático do constituinte focalizado

Um fator que tem sido observado nos estudos realizados no PB sobre as sentenças clivadas é o tipo de estatuto sintático do constituinte focalizado. Como já mencionado na seção 1.2, as sentenças clivadas apresentam resultados diferentes quando relacionam estatuto sintático com o tipo de sentença clivada. Os resultados encontrados nesta pesquisa ratificam o que tem sido conferido nos estudos já realizados sobre a clivagem no PB (Kato et alii (1996) e

Braga (1991)), isto é, que há uma forte relação entre a função sintática do constituinte focalizado e o tipo de sentença clivada, o que parece indicar que o falante utiliza a estratégia de focalização que esteja mais adequada à função sintática do elemento focalizado.

Na tabela-4 a seguir, mostramos os resultados encontrados na variável correspondente ao estatuto sintático na clivagem:

TABELA 4 – Estatuto sintático do constituinte focalizado em cada tipo de sentença clivada

Estatuto	Sujeito			Objeto			Adj. adverbial		
	Ocorr.	%	P.rel.	Ocorr.	%	P.rel.	Ocorr.	%	P.rel.
Sintático									
CLIV	56/123	29/33	.46	22/123	45/33	.63	45/123	34/33	.51
CLIV-sem-cóp	42/81	21/22	.41	5/81	10/22	.38	34/81	26/22	.68
CLIV-inv	30/57	15/15	.47	3/57	6/15	.30	24/57	18/15	.62
PC	65/93	33/25	.62	9/93	18/25	.42	19/93	15/25	.36
PC-red	3/22	2/6	.29	10/22	20/6	.87	9/22	7/6	.66
Total	196/376	100	--	49/376	100	--	131/376	100	--

Os resultados da tabela-4 revelam que:

- o objeto direto favorece o uso de CLIV, 45% contra 29% de sujeito, e 34% de adjunto, confirmado pelo peso relativo, .63 a favor de objeto contra .46 de sujeito e .51 de adjunto;
- ao contrário das CLIVs, o objeto não favorece o uso de CLIV-sem-cóp, o adjunto é que favorece seu uso, 26% contra 10% de objeto, e 21% de sujeito, conforme atestam os pesos relativos, .68, .38, .41, respectivamente;
- na CLIV-inv, o objeto apresentou a menor frequência 6%, já o adjunto favorece o uso de CLIV-inv 18%, seguido pelo sujeito com 15%, como mostram os pesos relativos: .62 de adjunto, .30 de objeto e .47 de sujeito;
- a PC é favorecida pelo sujeito, 33% com peso relativo de .62, seguido de objeto com 18%, e peso relativo .42; o adjunto apresentou a menor frequência 15%, com .36 de peso relativo;

- e) inversamente ao resultado da PC, a PC-red apresenta forte favorecimento pelo uso do objeto, 20% com .87 de peso relativo, o adjunto com 15% e .36 de peso relativo, e o sujeito com a frequência mais baixa, apenas 2%, com peso relativo de .29.

Vejamos agora os resultados obtidos com o cruzamento da variável função sintática com o tipo de estatuto focal do constituinte focalizado, conforme tabela-5:

TABELA 5 – Cruzamento do Estatuto focal com o tipo de Estatuto sintático do constituinte focalizado em cada tipo de sentença clivada

	Sujeito		Objeto direto		Adjunto adverb.	
	Inf.	Cont.	Inf.	Cont.	Inf.	Cont.
	Ocor. %	Ocor. %	Ocor. %	Ocor. %	Ocor. %	Ocor. %
CLIV	37 / 35	19 / 21	17 / 47	5 / 38	33 / 35	12 / 32
CLIV-s-cóp	28 / 26	14 / 16	3 / 8	2 / 15	29 / 31	5 / 13
CLIV-inv	6 / 6	24 / 27	2 / 6	1 / 8	6 / 6	18 / 47
PC	33 / 31	32 / 36	6 / 17	3 / 23	18 / 19	1 / 3
PC-red	2 / 2	1 / 1	8 / 22	2 / 5	7 / 8	2 / 5
Total	106 / 100	90 / 100	36 / 100	13 / 100	93 / 100	38 / 100

Observando os resultados da tabela-5, constatamos que a focalização de sujeito com estatuto informacional favorece as CLIVs com a frequência de 35%; a focalização de sujeito com sentido contrastivo favorece a PC, com 36%; na função de objeto, as CLIVs apresentam as maiores frequências, 38% com sentido contrastivo e 47% com sentido informacional. Este resultado reafirma a preferência nas CLIVs pelo estatuto informacional e pela focalização de objeto; quanto ao adjunto adverbial, o foco informacional favorece mais uma vez as CLIVs e o foco contrastivo a CLIV-inv.

Segundo o comportamento das sentenças clivadas aqui apresentado, quando o falante focaliza um objeto prefere as CLIVs. Podemos supor que seja pelo fato de essa estratégia

possibilitar que o falante mantenha o uso do complementador “que” com qualquer que seja o tipo de constituinte clivado. Vejamos os exemplos em (84):

- (84) a. **é** *minha fia* **que** mora ali. (SP-9)
b. **É** *o começo do samba* **que** eu falo po senhô. (HV-12)
c. **Foi** *na casa de dona francilina* **que** eu tava trabaia... (RC-4)

Observamos nos exemplos em (84) que o falante mantém a mesma estrutura da CLIV (ser + que) mesmo tendo a focalização de “pessoa” em (84a), de “coisa” em (84b) e de “lugar” em (84c).

Se o falante optasse por usar uma PC em vez de uma CLIV, necessariamente teria que usar um pronome relativo concordando com o tipo de constituinte focalizado. Isto é, se o constituinte for um objeto ou coisa, tem que usar o pronome “o que”, como em (85a), se pessoa, o pronome “quem”, exemplo em (85b), no caso de adjunto adverbial, deve-se usar um pronome que concorde com o tipo de adjunto: de modo, “como”; de lugar “onde”, de tempo “quando”, como em (85c, d, e), respectivamente.

- (85) a. **O que** ele comeu **foi** *bolo*.
b. **Quem** gosta de Rock **é** *Reinaldo*.
c. **Como** eu cheguei **foi** *de bicicleta*.
d. **Onde** ele mora **é** *no alto do morro*.
e. **Quando** eu cheguei **foi** *ontem*.

Vemos que quando usamos uma PC é necessário utilizar um pronome relativo concordando o tipo do constituinte focalizado. Isso pode explicar a diminuição das ocorrências de PC focalizando objeto e adjunto.

A esquiva em usar o pronome relativo também é atestada em inglês. Dikken (2001), estudando o comportamento das sentenças copulares especificacionais e das pseudo-clivadas no inglês, afirma que é mais comum encontrar PC com o pronome *o que*, sendo pouco encontrados os tipos de PC com os pronomes *quando, onde, porque, como* e muito raramente *quem*. No entanto, esclarece o autor, esse desequilíbrio desaparece quando a relativa é

encabeçada por um sintagma nominal, conforme exemplos em (86), (cf. Dikken (2001:9, destaque nosso)³³):

(86) a. *the things* John does not eat are food for the dog.

As coisas que João não come são comida para cachorro.

b. *the place* **where** John finally ended up was in Berkeley.

O lugar aonde João finalmente acabou indo foi para Berkeley.

c. *the time* **at which** John arrived was at five o'clock.

A hora em que João chegou foi às cinco horas.

d. *the reason* **why** John went to the bookstore was to buy a book about pseudoclefts.

A razão por que João foi à livraria foi para comprar um livro sobre pseudo-clivadas.

e. *the way* John did it was by using a decoder.

O modo como João fez foi usando um decodificador.

f. *the person* **who** John visited was Bill.

A pessoa quem João visitou foi Bill.

Como comentamos na seção 3.1.1, no PB rural também encontramos casos de PC em que o pronome relativo é antecedido por um DP; porém, ao contrário do inglês, não foi encontrado nenhum exemplo de PC (com essa estrutura: nome + morfema-Q) com os pronomes relativos: quando, quem, como e onde.

Contudo, no que diz respeito às funções adverbiais, a preferência pode ser a PC-red. Embora seja considerada um subtipo da PC, sua estrutura, ao contrário da PC, permite a omissão do pronome relativo, conforme mostram os exemplos a seguir:

(87) a. DOC: Ele ficô aonde?

INF: (*Onde*) Ele fico primêro foi na São Brasa, ali em Texêra. (HV-1)

b. CIRC: Ele que conhece a história da região tudo, né?

INF: Eu conhece. (*onde*) Eu nasceu foi lá. (HV-22)

³³ Agradeço ao colega André pela revisão da tradução das frases de Dikken (2001).

Braga (1991), em estudo sobre a clivagem no português semi-coloquial do Rio de Janeiro, revela que as CLIVs focalizam tanto sujeito e objeto quanto adjunto adverbial; as PCs focalizam apenas sujeito; e as CLIV-invs focalizam sujeito³⁴.

Podemos apontar como semelhanças entre nosso estudo e o de Braga os seguintes fatos: a CLIV focalizar as três funções apontadas, embora nossos resultados revelem uma preferência pela focalização de objeto; as PCs, em nossa pesquisa, também focalizam preferencialmente sujeito, mas não exclusivamente.

No estudo de Kato et alii (1996:335), os resultados revelam que as PCs focalizam predominantemente o objeto direto (63%) e as CLIVs focalizam tanto sujeito (36%) quanto objeto direto (36%); e as CLIV-invs focalizam mais sujeito (50%) e adjunto (41%)³⁵. As autoras argumentam que as PCs têm características discursivas e sintáticas ideais para focalização de objeto direto: discursivas por focalizarem apenas elemento novo no discurso; e sintáticas por obedecer à ordem canônica do PB atual SVO, mantendo o objeto após o verbo. Em (88), temos o esquema representativo apresentado pelas autoras (cf. Kato et alii, 1996:336):

(88) [O que...] V
(S V X
(dado V (O)

Esclarecem que muitos casos encontrados de PCs que são classificados como focalização de sujeito, na verdade, ocorrem com verbos ergativos, demonstrando que o foco é argumento interno do verbo³⁶. Explicam que essa característica das PCs de focalizarem predominantemente objeto direto possibilita o apagamento e a não identificação do pronomes relativo, estratégia que faz surgir a denominada PC-red.

Ao contrário dos resultados encontrados no estudo de Kato et alii (1996), nossa pesquisa mostra que a focalização de sujeito favorece o uso de PC, tal qual o resultado encontrado em Braga (1991:114). Observamos também que todos os exemplos de PC citados por Braga (em que as PCs só focalizam sujeito) não ocorrem com verbos ergativos, como

³⁴ A autora acrescenta a focalização de tópico frasal pelas CLIVs, contudo, por não considerarmos esta opção nesta pesquisa, não a comentamos.

³⁵ As autoras só apresentaram os números e os percentuais desses três tipos de sentenças clivadas: CLIV; PC e a CLIV-inv, embora tenham mostrado a ocorrências de outros tipos.

³⁶ As autoras se referem ao verbo da relativa, evidentemente.

mostram os exemplos em (89), assim como a maioria dos exemplos de PC encontrados aqui, exemplos em (90):

- (89) a. **Quem** fica pedindo pão **é** *mendigo lá na porta.* (Braga,1991:120)
b. **Quem** que me ensinou **foi** *o cara lá da minha avó.* (Braga,1991:117)
c. **Quem** segura **é** *o Sandro.* (Braga,1991:111)
- (90) a. **Quem** compô a fazenda aí **foi** *o finado Sérgio.* (CZ-10)
b. **Quem** fez tudo **foi** *ele.* (CZ-12)
c. **Quem** sabe **são** *eles.* (SP-6)

Diante desses resultados, atribuímos as diferenças e semelhanças entre os resultados aqui apresentados e os de Kato et alii (1996) e os de Braga (1991) a contextos discursivos que possam ter favorecido ou não uma preferência de focalização de uma determinada função sintática pelas PCs, uma vez que essa estratégia mostrou-se capaz de focalizar muito tanto sujeito quanto objeto.

3.2.4 Os resultados segundo a animacidade do constituinte focalizado

Com a escolha dessa variável, buscamos investigar algum tipo de influência no uso de uma determinada estratégia de clivagem em função da animacidade do constituinte focalizado.

Os resultados acerca do comportamento das sentenças clivadas diante dessa variável são apresentados na tabela-6, a seguir:

TABELA 6 – Animacidade do constituinte focalizado

Tipo de Clivadas	+ Humano			- Humano		
	Ocorr.	%	P.rel.	Ocor.	%	P.rel.
CLIV	47/123	29/33	.46	76/123	35/33	.53
CLIV-sem-cóp	39/81	24/22	.65	42/81	19/22	.39
CLIV-inv	23/57	14/15	.43	34/57	16/15	.55
PC	48/93	30/25	.57	45/93	21/25	.45
PC-red	3/22	2/6	.28	19/22	9/6	.67
Total	160/376	100	--	216/376	100	--

A visualização da tabela-6 revela:

- a) é pequena a diferença na frequência desse fator no uso da CLIV; há um leve favorecimento do traço [- Humano], apresentando 35%, (peso relativo .53), contra 29% do traço [+ Humano] (peso relativo de .46);
- b) no uso da CLIV-sem-cóp, o peso relativo aponta para um favorecimento com o traço [+ Humano], .65 de peso relativo, contra .39 para o traço [- Humano], lembrando que há, na CLIV-sem-cóp, 26% de ocorrências de adjuntos (34/81), que detém o traço [- Humano];
- c) a CLIV-inv mostra-se indiferente a esse fator, uma vez que o resultado indica uma pequena diferença a favor do traço [- Humano] 16% , e .55 de peso relativo, contra 14% do traço [+Humano] e .43 de peso relativo;
- d) o traço [+Humano] favorece o uso de PC, 30%, com peso .57, contra 21%, com peso .45 de traço [- Humano];
- e) os resultados apontam para um favorecimento no traço [- Humano] no uso da PC-red 9%, com peso .67, contra apenas 2%, e peso .28 do traço [+Humano], confirmando sua preferência pela focalização de objeto.

Podemos destacar como índices relevantes nos resultados apresentados neste fator o favorecimento de PC quando o traço é [+ Humano]; e um resultado inverso no uso das PC-reds.

3.2.5 Os resultados segundo o tempo do verbo copulativo

Neste item, além de apresentarmos os resultados relativos ao tempo do verbo copulativo nas estratégias de clivagem, discutimos a concordância da cópula com o constituinte focalizado (número e pessoa) e a aplicação do paralelismo modo-temporal entre a cópula e o verbo da sentença encaixada.

Os resultados obtidos com base no tempo do verbo copulativo revelaram pouca significância para as CLIVs, isto é, cerca de 3 pontos percentuais a favor ou contra determinado tempo da cópula, o que estaria praticamente dentro da margem de erro esperada pelo programa. Quanto à PC, o resultado mais significativo é o favorecimento pelo tempo pretérito imperfeito, 41% versus 32% do geral. A PC-red, tal qual a PC, também apresenta um acréscimo a favor do pretérito imperfeito, passando de 5% do total para 9% em relação a este fator; em termos percentuais há uma ampliação de seu uso em 80%. Vejamos os resultados na tabela-7, a seguir:

TABELA 7 – Tempo do verbo copulativo nas clivadas

Tipo de clivada	Pret. perfeito		Presente		Pret. imperfeito	
	Ocorr.	%	Ocorr.	%	Ocorr.	%
CLIV	37/123	46/42	76/123	40/42	10/123	45/42
PC	27/93	34/32	57/93	30/32	9/32	41/32
CLIV-inv	8/57	10/19	48/57	25/19	1/19	5/19
PC-red	6/15	7/5	7/15	4/5	2/15	9/5
Total	80/293	100	191/293	100	22/293	100

Quanto à CLIV-inv, os resultados mostram que o pretérito imperfeito desfavorece bastante seu uso, 5% contra 19% do total, pouco mais de 72% negativos.

Não estamos considerando o aumento a favor do tempo presente na CLIV-inv, pelo fato de que a forma “é que” nessas construções tem revelado um comportamento de quase cristalização, isto é, sua forma mantém-se inalterada na maioria das vezes, ocasionando a não variação de tempo. Exemplos em (91):

(91) a. DOC: É...eles dão aqui pela a prefeitura , é?

INF: Eu queria, é porque a prefeitura é que tava dano, ... (CZ-08)

b. CIRC: Mas ficô predo debaixo da roda?

INF: Não... assim... ele num chegô a ficá preso, mas lá vê o menino, aí o corpo dele vêi... ôto povo é que foi lá... (HV-12)

Como observa Brito e Duarte (2003:691), a não flexão da cópula na seqüência “é que” deve-se a um processo de reanálise, que a interpreta como uma forma fixa, não admitindo marcas de tempo nem de concordância³⁷.

No entanto, observamos que o “congelamento” da cópula nas clivadas não é um caso específico do português rural. Este fenômeno tem sido atestado no PB, de um modo geral, seja no dialeto popular, seja no dialeto culto.

No domingo, dia primeiro de janeiro de 2006, no programa chamado “Fantástico”, da Rede Globo de Televisão, o apresentador Pedro Bial, em entrevista com o presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, referindo-se aos problemas sobre seu governo, fez a seguinte construção:

(92) Sr. Presidente, aonde **é que** o Sr. errou?

sem que a cópula apresente concordância temporal (aonde foi que o Sr. errou?). Certamente estamos falando de uma situação bastante formal, e o falante que construiu essa sentença tem nível superior, um repórter bastante conhecido, tem livros publicados, domina o dialeto culto, o que mostra que esse tipo de construção é natural no PB.

No que se refere à concordância de número e de pessoa entre cópula e o constituinte focalizado, ocorre um fato interessante nas realizações de CLIVs e PCs. Nas CLIVs, a cópula não se flexiona nem em número, nem em pessoa para concordar com o foco. Nas PCs, há alternância na flexão da cópula, ora o falante realiza a concordância de número e de pessoa com o foco, ora não realiza. Observem os exemplos em (93):

(93) a. **Foi as formiga que** fez esse trabaio. (CZ-1)

b. **Foi eu que** prantei essas cana. (CZ-8)

³⁷ Pelo fato de as autoras não estenderem o fenômeno para outras estratégias de clivagem, estamos supondo que, no PE, isso fique restrito à CLIV-inv.

- c. **Quem** tomava conta **era** *as menina*. (SP-5)
- d. **Quem** sabe **são** *eles*. (SP-6)
- e. **Quem** resistrô **foi** *eu*. (SP-1)
- f. **Quem** se responsabiliza **sou** *eu*. (CZ-6)

Em (93a), não há flexão da cópula para concordar em número com o foco, já em (93b), a não concordância é de pessoa com o foco. Nos exemplos de PC, podemos observar que em (93c) não há concordância de número com o foco, e em (93e) a cópula não concorda com a pessoa do constituinte focalizado. Ao contrário, nos exemplos em (93d,f) o falante realiza a concordância tanto de número, quanto de pessoa.

Modesto (2001:70), tratando sobre a concordância nas PCs, argumenta que falantes que produzem sentenças do tipo descrito em (94), possuem um paradigma verbal sem marcas de concordância, o que explicaria o fato de produzirem sentenças desse tipo:

(94) **Quem** quer casar **é** eu.

No entanto, não podemos concordar com esta hipótese por que, como mostramos nos exemplos em (93), a não concordância neste dialeto é um fato opcional, visto que o falante ora aplica, ora não aplica a regra de concordância.

Ainda sobre o paralelismo modo-temporal entre a cópula e o verbo da oração encaixada, também constatamos alternância nas realizações de CLIV e de PC. Confira nos exemplos em (95):

- (95) a. **era** *aquele* **que** **é** o fazendêro. (HV-12)
- b. **foi** *você memo* **que** **bateu**. (HV-12)
- c. **é** *finada* **que** **moreu**. (HV-22)
- d. **quem** **chorô** **foi** *ele*. (HV-22)

Vemos claramente, nos exemplos em (95), que o mesmo falante ora não aplica o paralelismo modo-temporal entre os verbos como em (95a-c) “era/é”, “é/morreu”, ora aplica, como em (95b-d) “foi/bateu”, “foi/chorô”. Logo, não podemos supor que a explicação deste fato se deve aos exemplos serem realizações de falantes com paradigma verbal sem marcas de concordância.

Poderíamos pensar que, nos exemplos em (95), os sujeitos estão em posições consideradas sem marca de pessoa e sem marca de número, uma vez que os pronomes “você”, “ele”, “aquele”, assim como o DP “finada” não exigem do verbo marcas visíveis de flexões de pessoa e número. Contudo encontramos exemplos de CLIV e de PC com o sujeito em posições com marca de número e com marca de pessoa, como nos exemplos em (96):

- (96) a. **Quem** conversa é *eu*. (SP-5)
b. **quem** vai fazê sô *eu mermo*. (HV-12)
c. É *eu* **que** pego. (HV-19)
d. fui *eu* **que** fiz lá no Cinzento. (CZ-10)
e. **Quem** sabe são *eles*. (SP-6)

Diante disso, achamos melhor aceitar uma outra hipótese de Modesto (2001) para explicar a alternância de concordância no PB. Nesta outra hipótese, concordância e checagem de Caso são fenômenos distintos. Então, seguindo Modesto (2001), haveria duas possibilidades de concordância no PB: a cópula em T, concordando obrigatoriamente com o DP que recebe Caso nominativo em [Spec AgrP], desde que se configurou uma relação spec-núcleo; ou o DP pode checar Caso nominativo em [Spec AgrP], porém não haveria a concordância por não estar numa relação spec-núcleo com o verbo que está em T³⁸.

3.3 As variáveis sociais

Nesta seção, mostramos os resultados encontrados no comportamento das variantes analisadas segundo alguns fatores extralingüísticos que consideramos pertinentes. Contudo, nem todas as variáveis sociais foram selecionadas pelo programa VARBRUL. Sendo assim, apresentamos os números, os percentuais e os pesos relativos apenas para as variantes consideradas relevantes pelo programa VARBRUL; das demais variantes, ilustramos apenas o número de ocorrência e a frequência.

³⁸ Achamos que este fenômeno precisa ser melhor explorado em trabalhos posteriores.

3.3.1 Os resultados segundo o gênero

A variável gênero é computada, na maioria das vezes, buscando evidenciar possíveis diferenças nas escolhas por determinadas variáveis lingüísticas entre homens e mulheres. Aqui, a expectativa é observar qual das estratégias de clivagem é preferida pelos homens e qual é a preferida pelas mulheres.

Os resultados encontrados acerca do comportamento das estratégias de clivagem nesta variável demonstraram, no geral, pouca relevância, o contrário do que esperávamos. Nossa expectativa era de que encontrássemos uma diferença significativa a favor dos homens no uso das variáveis inovadoras (a CLIV-sem-cóp e a PC-red). Isto porque os homens dessas comunidades saem mais do que as mulheres, para trabalhar em outros lugares nas redondezas, ou até em outros municípios ou estados, estando mais propensos aos usos inovadores. Os resultados estão na tabela-8 a seguir:

TABELA 8 – A distribuição das variantes segundo o gênero

Tipo de Clivadas	Masculino			Feminino		
	Ocorr.	%	P.rel.	Ocor.	%	P.rel.
CLIV	53/123	29/33	.44	70/123	36/33	.55
CLIV-sem-cóp	40/81	22/22	.55	41/81	21/22	.45
CLIV-inv	40/57	22/15	.63	17/57	9/15	.38
PC	41/93	23/25	.47	52/93	27/25	.53
PC-red	8/22	4/6	.41	14/22	7/6	.58
Total	182/376	100	--	194/376	100	--

Observamos na tabela que os resultados não revelam preferências entre homens e mulheres que possam apontar uma tendência no uso de estratégias mais conservadoras (CLIV, PC e CLIV-inv) ou mais inovadoras (CLIV-sem-cóp e PC-red). Os homens, ao mesmo tempo em que demonstram uma preferência pela CLIV-sem-cóp .55, contra .45 das mulheres, 10 pontos probabilísticos, registram um favorecimento ainda maior no uso da CLIV-inv .63, contra .38 das mulheres, 25 pontos probabilísticos de diferença. As mulheres apresentam o maior favorecimento pela PC-red, .58, contra .41 dos homens, 17 pontos de diferença.

A partir desse resultado, notamos que os homens tanto usam uma das formas inovadoras, que é a CLIV-sem-cóp, quanto uma conservadora, a CLIV-inv. As mulheres, assim como os homens, apresentaram uma freqüência acentuada a favor da PC-red, outra forma inovadora, e um favorecimento por CLIVs e PCs, formas conservadoras, com percentuais acima dos registrados para os homens.

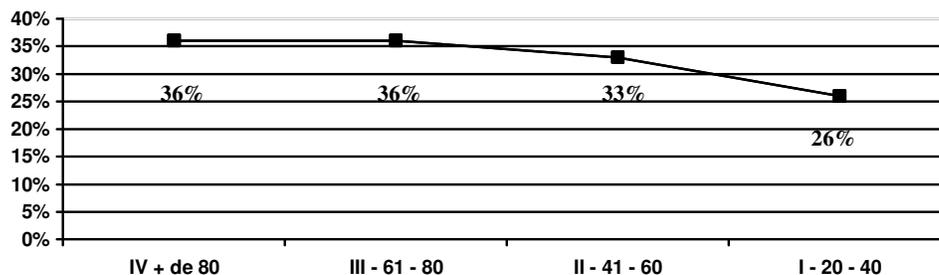
3.3.2 Os resultados segundo a faixa etária

Buscávamos com a análise desta variável exatamente constatar se o fenômeno da clivagem, no português rural afro-brasileiro, apresenta alguma tendência de mudança em relação a um maior uso das formas inovadoras ou se suas variantes encontram-se em estabilidade.

Os resultados encontrados demonstram certa regularidade no uso das variantes conservadoras (PC, CLIV-inv e CLIV), com uma leve tendência à diminuição do uso em direção à faixa etária mais jovem. No entanto, esperávamos encontrar uma freqüência menor no uso dessas variantes nos indivíduos mais velhos, entre as faixas III e IV, por representarem o segmento da comunidade que muito provavelmente ainda guardam traços de uma variante do português com uma história de forte influência de línguas africanas, logo, um uso de variantes com menos marcas morfológicas.

Observemos o gráfico-2 a seguir, correspondente à estratégia de CLIV:

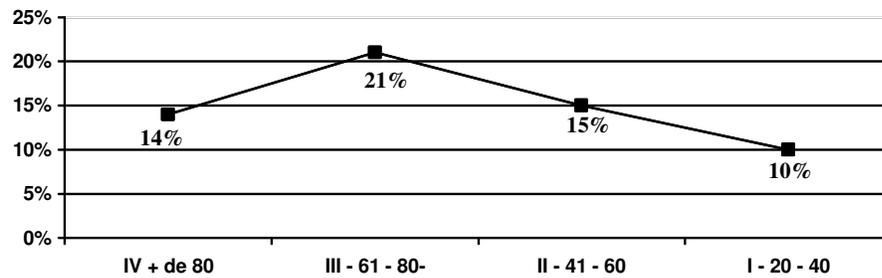
Gráfico 2 – Atuação da variável faixa etária na estratégia de CLIV



O gráfico-4 revela um percentual de 36% na faixa IV, que se mantém inalterado na faixa III, sofre uma modesta diminuição na faixa II, e termina com um percentual de 26% na faixa I, cerca de 10 pontos a menos em relação à faixa IV.

O comportamento da estratégia de CLIV-inv na variável faixa etária não é muito diferente da CLIV, apresentando também uma diminuição no uso em direção a faixa etária I, conforme gráfico-3:

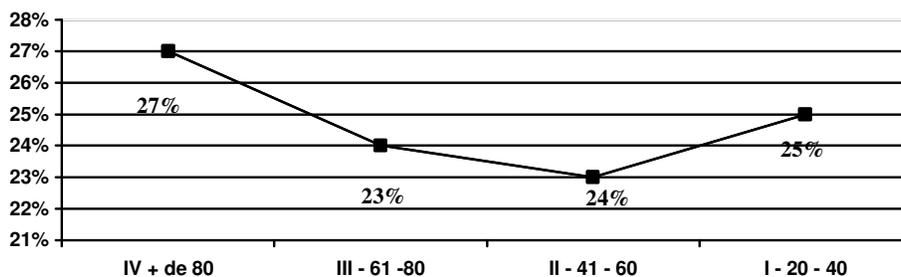
Gráfico 3 – Atuação da variável faixa etária na estratégia de CLIV-inv



Constatamos com a visualização do gráfico-3 uma frequência de 14% na faixa IV, um leve acréscimo na faixa III para 21%, e a partir daí a frequência cai até apresentar 10% na faixa I. O que demonstra um comportamento com pouca alteração se compararmos a frequência da faixa IV com a da faixa I.

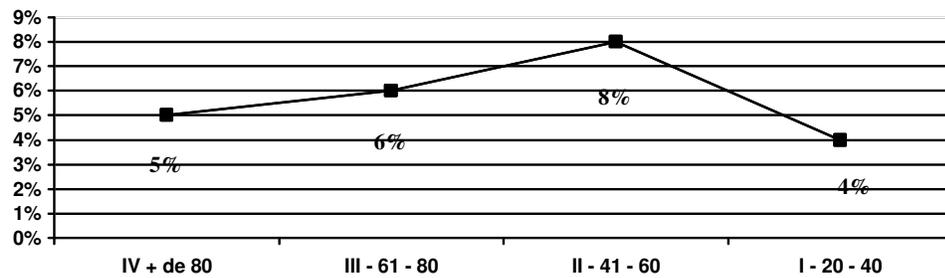
No que diz respeito ao uso da estratégia de PC nesta variável, os resultados apontam para quase estabilização. As diferenças entre as frequências nas faixas analisadas são de cerca de 3 pontos percentuais na média, um número dentro da margem de erro esperado, revelando que praticamente não há alteração no uso dessa variante em relação às diferenças etárias, como ilustrado no gráfico-4:

Gráfico 4 – Atuação da variável faixa etária na estratégia de PC



A PC-red, embora não faça parte das estratégias de clivagem consideradas conservadoras, apresenta um resultado semelhante ao da PC, isto é, pouca alteração no uso diante nas diferentes faixas etárias. Como se observa no gráfico-5:

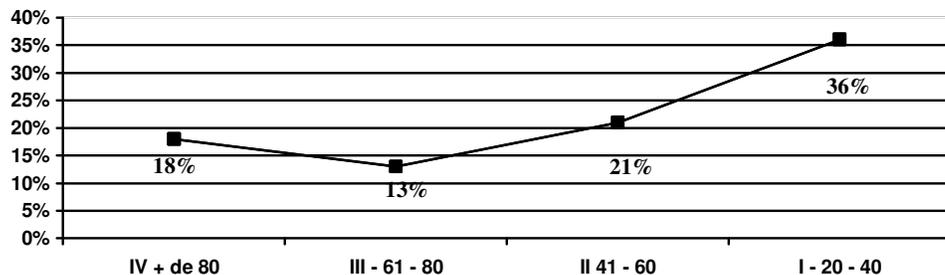
Gráfico 5 – Atuação da variável faixa etária na estratégia de PC-red



Os números de PC-red mostram uma frequência que oscila em pouco menos de 2 pontos percentuais no geral, uma frequência quase inalterada, considerando-se também a margem de erro esperada.

Quanto à frequência da CLIV-sem-cóp, uma das estratégias considerada inovadora, os resultados evidenciam um forte condicionamento no uso desta variante na faixa mais jovem. Ver o gráfico-6:

Gráfico 6 – Atuação da variável faixa etária na estratégia de CLIV-sem-cóp



Vemos que a frequência da CLIV-sem-cóp apresenta um percentual de 18% na faixa IV, uma redução de 5 pontos percentuais na III, e em seguida, implementa um crescimento de 8 pontos percentuais a mais na faixa II, chegando a uma frequência de 36% na faixa I.

Este resultado pode sugerir que há uma forte tendência de crescimento desta estratégia de clivagem: da faixa IV para a faixa I, a frequência salta de 18% para 36%, ou seja, o dobro do percentual encontrado na faixa IV. Embora esperássemos que as estratégias consideradas inovadoras, pelos motivos que já mencionamos, revelassem um percentual maior entre as faixas IV e III, os resultados aqui apontam para outra direção. São os falantes mais jovens, que se caracterizam como o maior contingente de semi-analfabetos e os que mais saem da comunidade, que estão incrementando a estratégia de CLIV-sem-cóp.

Como demonstrado aqui, a CLIV-sem-cóp já faz parte da variante falada pelos indivíduos nas faixas III e IV, e o contato com as demais formas do PB só tem contribuído para o aumento da frequência dessa estratégia nesse dialeto.

3.3.3 Os resultados segundo a escolaridade

Os falantes das comunidades analisadas, quanto ao nível de escolaridade, estão divididos entre analfabetos e semi-analfabetos. Esta variável está diretamente relacionada com a variável faixa etária, uma vez que são os mais jovens a se beneficiarem com os programas públicos de alfabetização, embora tenhamos que considerar a precariedade do letramento nas comunidades rurais.

Os resultados mostram, de um modo geral, pouca relevância nos percentuais apresentados nas estratégias de clivagem nesta variável. A destacar apenas um aumento na frequência do uso de CLIV, de 7 pontos a favor dos semi-analfabetos, e no uso da CLIV-inv, de 5 pontos também favorecendo o mesmo segmento³⁹.

Confira os resultados na tabela-9:

³⁹ Esta variável não foi selecionada pelo programa VARBRUL, certamente pelo baixo índice de diferenciação entre as variantes e os grupos de falantes analisados. Contudo, exatamente por isso achamos relevante destacar esse fato nesta pesquisa.

TABELA- 9 – A distribuição das variantes segundo a escolaridade

Tipo de clivada	Analfabetos		Semi-analfabetos	
	Ocorrência.	%	Ocorrência.	%
CLIV	86/123	37/33	37/123	26/33
CLIV-sem-cóp	48/81	21/22	33/81	23/22
CLIV-inv	28/57	12/15	29/57	20/15
PC	54/93	23/25	39/93	27/25
PC-red	15/22	6/6	7/22	5/6
Total	231/376	100	145/376	100

No que se refere à CLIV-sem-cóp, segundo os resultados da tabela-9, podemos dizer que não há diferença no uso dessa estratégia de clivagem entre os dois grupos de falantes analisados, visto que a alternância revelada está dentro da margem de erro considerada. Um resultado não esperado, uma vez que a frequência dessa estratégia na variável faixa etária apresentou um índice bastante expressivo a favor do segmento mais jovem.

3.3.4 Os resultados segundo estada fora da comunidade

Essa variável foi composta na tentativa de observar qual a estratégia de clivagem mais usada pelos indivíduos que viveram um período fora da comunidade. Assim como nas demais variáveis extralingüísticas, esperávamos que ocorresse uma diferença no uso da clivagem entre esses grupos de falantes (os que estiveram fora da comunidade e os que não estiveram) pelo fato de, com a saída da comunidade, estes falantes interagem com outros que vivem em centros urbanos, o que pode favorecer um uso maior de uma ou outra estratégia de clivagem.

Os resultados mostram os seguintes comportamentos quanto à relação uso de clivagem e a variável estada fora da comunidade:

- a) das variantes consideradas conservadoras PC, CLIV-inv e CLIV, apenas a CLIV não apresenta diminuição de uso no segmento que esteve fora da comunidade, a PC mostra redução de .53 para .45, a CLIV-inv uma diminuição de .52 para .47, e a CLIV um aumento de .53 para .48 a favor do segmento que esteve fora da comunidade;

b) quanto às variantes inovadoras (PC-red e a CLIV-sem-cóp) ocorre um equilíbrio entre os dois grupos (esteve fora / não esteve fora): a CLIV-sem-cóp revela um aumento a favor do grupo que esteve fora, .58 contra .45, uma diferença de 13 pontos probabilísticos; mas a PC-red mostra um resultado inverso, 20 pontos a favor do grupo que não esteve fora, .58 contra .38.

Confira os resultados descritos na tabela-10 a seguir:

TABELA 10 – A distribuição das variantes segundo a estada fora da comunidade

Tipo de Clivadas	Esteve fora			Não esteve fora		
	Ocorr.	%	P.rel.	Ocor.	%	P.rel.
CLIV	51/123	31/33	.53	72/123	35/33	.48
CLIV-sem-cóp	38/81	26/22	.58	43/81	19/22	.45
CLIV-inv	20/57	14/15	.47	37/57	16/15	.52
PC	30/93	21/25	.45	63/93	27/25	.53
PC-red	5/22	3/6	.38	17/22	7/6	.58
Total	231/376	100	--	145/376	100	--

Os resultados mostram que as diferenças quanto à frequência a favor ou não das variantes conservadoras (CLIV, PC e CLIV-inv) apresentam uma variação de .6 percentuais na média, que descontando a margem de erro de .2 pontos ,cai para .4, um percentual pouco significativo. Contudo, as variantes inovadoras apresentam uma diferença relevante: .13 pontos na CLIV-sem-cóp, a favor do segmento que esteve fora, e .20 pontos na PC-red, favorecendo o segmento que não esteve fora.

Desses resultados, destacamos a frequência da CLIV-sem-cóp, pois vai ao encontro do resultado faixa etária, no qual foram os mais jovens que apresentaram a frequência maior desta variante.

3.3.5 Os resultados segundo a distribuição por comunidade

O objetivo maior deste trabalho é tentar refletir um quadro representativo dos usos lingüísticos das comunidades pesquisadas. Entretanto, procuramos observar também cada comunidade separadamente na tentativa de revelar algum comportamento nos usos das estratégias de clivagem que caracterizasse traços distintivos de cada comunidade.

Contudo, observamos que o quadro dos usos de clivagem por comunidade reflete uma distribuição basicamente equilibrada por todas as comunidades.

Vejamos a descrição na tabela-11 a seguir:

TABELA 11 – Distribuição das variantes por comunidade

Tipos de Clivagem	Cinzento		Helvécia		Rio de Contas		Sapé	
	Ocorr.	%	Ocorr.	%	Ocorr.	%	Ocorr.	%
CLIV	45/123	32/33	44/123	38/33	14/123	29/33	20/123	28/33
CLIV-sem-cóp	23/81	16/22	27/81	23/22	9/81	19/22	22/81	31/22
CLIV-inv	30/57	21/15	10/57	9/15	9/57	19/15	8/57	11/15
PC	33/93	23/25	30/93	26/25	12/93	25/25	18/93	25/25
PC-red	10/22	7/6	5/22	4/6	4/22	8/6	3/22	4/6
Total	141/376	100	116/376	100	48/376	100	71/376	100

Os resultados mostram que:

- a) a CLIV-sem-cóp apresenta, como resultados relevantes, uma redução na comunidade de Cinzento de 16% e um aumento na comunidade de Sapé, com 31%, um resultado não esperado pelo fato de essas comunidades serem as mais isoladas, como mencionado na seção 2.2 sobre a descrição das comunidades, logo deveriam mostrar um uso mais semelhante;
- b) a CLIV-inv indica um aumento de 21% na comunidade de Cinzento e uma redução de 9% na comunidade de Helvécia;
- c) a PC, assim como a CLIV mantém-se equilibrada em todas as comunidades;
- d) a PC-red não mostra diferenças significativas entre as comunidades.

CONCLUSÃO

Mostramos que, das estratégias de clivagem atestadas no PB e comentadas nesta pesquisa, foram encontrados nos *corpora* analisados os seguintes tipos: a CLIV, a CLIV-inv, a CLIV-sem-cóp, a PC, a PC-inv, a PC-red e a PCE (este em número bastante reduzido). Foram quantificadas apenas aqueles que apresentaram a maior frequência: CLIV, a CLIV-inv, a CLIV-sem-cóp, a PC, a PC-inv e a PC-red. A CLIV apresentou a maior frequência, com 33% do total de ocorrências. Um fato a destacar é a frequência significativa da CLIV-sem-cóp, 22% do total geral, a terceira maior frequência entre todas as ocorrências de clivagem. Destacamos a frequência da CLIV-sem-cóp pelo fato de que essa estratégia parece ser típica do português brasileiro, visto que não foi mencionada nos processos de clivagem do PE, conforme Brito & Duarte (2003), nem por Lambrecht (2001), sobre os tipos encontrados no inglês, francês e alemão. Fato que nos levou a caracterizar a CLIV-sem-cóp e a PC-red de estratégias “inovadoras”.

Dos tipos exemplificados a partir do estudo de Lambrecht (2001), encontramos exemplos que poderiam, talvez, ser analisados como estratégias de clivagem com o verbo “ter”, com sentido existencial, com sentido de tempo e com sentido de posse; contudo, apenas a que contém o verbo “ter” com sentido de tempo foi considerada verdadeiramente uma estratégia de clivagem do tipo CLIV-ter.

Uma outra estratégia encontrada no estudo de Lambrecht (2001) foi uma construção clivada que analisamos como um subtipo da “CLIV-desde”, em que a conjunção “desde” assume a função de focalizar o constituinte clivado e a partícula “que”, de complementador; por fim, um tipo semelhante a uma PC, cuja estrutura contém o pronome indefinido “tudo” introduzindo a oração relativa e a cópula como focalizador.

Quanto ao tipo de pergunta, no geral, os resultados mostraram que esse fator interfere pouco no favorecimento das estratégias de clivagem. Merece destaque o total desfavorecimento da CLIV-inv em contextos de pergunta-QU, o que mostra que esse tipo de sentença é mais adequado aos contextos que favorecem respostas contrastivas.

No que diz respeito à relação entre estatuto focal e sentença clivada, mostramos que a CLIV e a CLIV-sem-cóp apresentaram certo favorecimento ao estatuto informacional, enquanto a CLIV-inv, como esperávamos, revelou forte favorecimento pelo estatuto contrastivo; a PC mostrou-se indiferente a esse fator e a PC-red apresentou certa preferência pelo foco informacional.

Os resultados encontrados sobre o estatuto sintático do constituinte focalizado, nos *corpora* do português rural, mostraram que o objeto favorece o uso de CLIVs e o adjunto adverbial, as CLIV-inv e CLIV-sem-cóp; as PCs são preferidas na focalização de sujeito e a PC-red favorece, em primeiro lugar, o objeto, e em segundo, o adjunto adverbial. No cruzamento do estatuto sintático com o estatuto da informação, as CLIVs mostraram que a focalização de objeto é mais favorecida quando o estatuto é informacional; as PCs revelaram que há uma preferência na focalização de sujeito com o estatuto contrastivo; e a função de adjunto adverbial com sentido contrastivo favorece a CLIV-inv.

Lançamos a hipótese de que a baixa frequência de PC focalizando objeto e adjunto nos *corpora* analisados seja decorrente da estrutura das PCs, que, ao contrário das CLIV e seus subtipos (CLIV-sem-cóp, CLIV-inv), exige o uso de um pronome relativo que concorde com o tipo de constituinte focalizado.

O traço +/- Humano do constituinte focalizado nas estratégias de clivagem mostrou que o traço [- Humano] favorece ligeiramente o uso de CLIV, CLIV-inv e PC-red, enquanto que o traço [+Humano] favorece a PC e a CLIV-sem-cóp.

No que se refere ao resultado do fator tempo do verbo copulativo, as CLIVs mostraram-se quase indiferentes à variável tempo, com uma frequência de cerca de 3 pontos percentuais entre os diferentes tempos analisados, um número insignificante considerando-se a margem de erro aceita; as PCs e as PC-reds revelaram certo favorecimento com o pretérito imperfeito; ao contrário, as CLIV-invs apresentaram forte desfavorecimento com o pretérito imperfeito. Contudo, o que mais chamou nossa atenção na análise desse fator foi a alternância na aplicação de concordância entre a cópula e o sujeito da sentença clivada, seja de número, seja de pessoa, além da alternância também do paralelismo modo-temporal entre a cópula e o verbo da sentença encaixada. Esclarecemos, contudo, que não é um caso de falantes com paradigma verbal sem marcas de concordância, mas ao contrário, podemos considerar que seja um caso opcional em que concordância e checagem de Caso são fenômenos distintos, seguindo Modesto (2001).

Quanto às variáveis sociais, os resultados revelaram que a variável gênero não demonstrou resultados significativos que diferenciasssem o uso entre homens e mulheres, pois a frequência oscila entre as variantes conservadoras e inovadoras para ambos os gêneros.

Na variável faixa etária, o resultado mais significativo foi um uso bastante acentuado de CLIV-sem-cóp no segmento mais jovem da população. Um resultado que pode indicar uma tendência de crescimento dessa variante.

A variável escolaridade também mostrou pouca relevância no cômputo geral das estratégias de clivagem, uma vez que as diferenças entre as freqüências nos usos das variantes não representam valores significativos.

O fator “estada fora da comunidade” apresentou como ponto mais importante a freqüência da variante CLIV-sem-cóp a favor do segmento que esteve fora da comunidade, o que confirma o resultado da variável faixa etária favorecendo o uso desta variante pelos segmentos mais jovens.

O fator de distribuição das variantes por comunidade não apresentou resultados significativos no sentido de apontar algum favorecimento no uso de alguma estratégia de clivagem, revelando um quadro bastante equilibrado no cômputo geral.

Com relação às hipóteses lançadas nesta pesquisa, chegamos às seguintes conclusões:

- a) hipótese 2 – a depender de como analisamos os resultados, podemos dizer que a hipótese 2 se confirma na fala dos mais jovens. A CLIV é mais freqüente na fala dos mais velhos, sua percentagem se reduz na fala dos mais jovens, em favor da CLIV-sem-cóp. Este fato parece apontar para um desenvolvimento mais recente da CLIV-sem-cóp, resultando de uma reanálise da CLIV. A questão sobre sua origem foge do escopo deste trabalho, pois só uma pesquisa diacrônica poderá esclarecer esta questão.
- b) hipótese 1 – a confirmação da hipótese 2 já nega a hipótese 1, pois deve ser a CLIV que estará na origem da aquisição do português brasileiro e não a CLIV-sem-cóp. Assim, os dados nos levam a pensar que a CLIV-sem-cóp é de origem mais recente na história da língua, estando em amplo processo de difusão na fala dos jovens. A CLIV deve ser a estratégia mais conservadora do dialeto das comunidades, desde que está presente em todas elas, com um percentual superior ao das outras estratégias.

Acreditamos que os resultados revelados nesta pesquisa venham contribuir para o entendimento da diversidade do português falado no Brasil, visto que o fenômeno em estudo ainda não havia sido pesquisado em dados de fala do português rural afro brasileiro. Evidentemente, aponta também para a necessidade de um estudo mais abrangente desse fenômeno, com base nas abordagens que fizemos aqui, em outros dialetos.

REFERÊNCIAS

ARENDES, Jacques, MUYSKEN, Pieter & NORVAL, Smith. *Pidgins and Creoles: na introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

BRAGA, Maria Luísa. *As sentenças clivadas no português falado do Rio de Janeiro*. Organon, Porto Alegre, 1991. p. 109-125.

CARDOSO, Suzana Alice M. (org.). *Diversidade lingüística e ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996.

CASTELEIRO, João Malaca. *Sintaxe e semântica das construções enfáticas com É QUE*. *Boletim de Filologia*, tomo XXV. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação. Científica, 1979. p. 97-166.

CHOMSKY, Noam. *Language and problems of Knowledge*. The Managua Lectures. Cambridge, Mass: MIT Press, 1988.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Trad. Lúcia Lobato; revisão de mark Ridd – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHOMSKY, Noam. *O Conhecimento da Língua Sua Natureza, Origem e Uso*. Trad. Ana Bela Gonçalves e Ana Tereza Alves. Lisboa: Caminho, 1986.

DUBOIS, Charlier et alii. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1988.

FONSECA, Maria Stella e NEVES, Moema F. (org.). *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1972.

HEYCOCK, Caroline and KROCH, Anthony. *Topic, Focus, and Sintatic Representations*. University of Edinburgh and University of Pennsylvania. 2002.

GUY, Gregory. *On the nature and origins of Popular Brazilian Portuguese*. In: *Estudos sobre el Espanol de America y lingüística Afroamericana*. Bogotá: instituto Caro y Cuervom. 1989. p. 227-245.

KATO et alii. *As construções-Q no português brasileiro falado : Perguntas, Clivadas e Relativas*. In: Gramática do português. KOCH, Ingedore G. Villaça (org). São Paulo: Editora da Unicamp/FAPESP, 1996.

KATO, Mary & RIBEIRO, Ilza. *A Evolução das Estruturas Clivadas no Português : período V2*. São Paulo: Editora da Unicamp. 2004.

KATO, Mary and RIBEIRO, Ilza. *Cleft Sentences and WH-Questions in Brazilian Portuguese: A Diachronic Analysis*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

KISS, Katalin É. *Identificational focus versus information focus*. *Language*, Journal of the Linguistic Society of America, 1998. p. 245-273.

LABOV, William. *Modelos Sociolingüísticos*. Trad. Herreras, José Miguel M. Madrid: Ediciones Cátedra, 1983. (versão original em inglês).

LABOV, William. *Principles of linguistic Change*. Internal Factors. v. 1. Cambridge: Blackwell, 1994.

LAMBRECHT, Knud. *A framework for the analysis of cleft constructions*. *Linguistics*, 39, 3, 2001. p. 463-516.

LAMBRECHT, Knud. *Information structure and sentence form: Topic, focus and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LOBATO, Lúcia Maria Bahia. *Sintaxe Gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação*. Belo Horizonte: Vigília, 1986.

LUCCHESI, Dante. *As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil*. D.E.L.T.A. São Paulo, 2001. 17: 1, p.97-130.

LUCCHESI, Dante. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: Novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de doutorado. ms, 2000a.

LUCCHESI, Dante. *Norma Lingüística e Realidade Social*. In BAGNO, Marcos (org). *Lingüística da Norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

LUCCHESI, Dante. *O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil*. In: RONCARAT, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara (org). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2005.

- MIOTO, Carlos; SILVA, Maria C. F. & LOPES, Ruth E. V. *Novo Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.
- MIRA, MATEUS, Maria Helena et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- MODESTO, Marcello. *As construções clivadas no português do Brasil: Relações entre Interpretação focal, movimento sintático prosódia*. São Paulo: Humanitas, 2001.
- MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luiza. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto. 2003.
- MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2002.
- PAIVA, Maria da Conceição de & SHERRE, Marta. *Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL*. Linguística. São Paulo. 1999. Vol. 11: 203-230.
- PASSOS, Claiz & PASSOS, Maria E. *Princípios de uma gramática modular*. São Paulo: Contexto. 1990.
- PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1987.
- PRINCE, Ellen F. *A comparison of WH-Clefts and It-Clefts in Discourse*. Language, Journal of the linguistic. Societ of America. Ed. by William Bright. 1978.
- RADFORD, Andrew. *Syntatic Theory and the structure of English. A Minimalist Approach*. United Kingdom, Cambridge, University Press. 1997.
- RAPOSO, Eduardo. (1992). *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.
- RIBEIRO, Ilza. *O efeito V2 no português arcaico*. Tese de Doutorado. UNICAMP. 1995.
- RIBEIRO, Ilza. *Sobre a perda da inversão do sujeito no PB*. In: R. V. Mattos e Silva.(org.) *Para a história do português brasileiro*. Vol. 2. São Paulo: Humanitas. 1999.
- SILVA, Maria Cristina Vieira de Figueiredo. *O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro*. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA, 2004.

SILVA NETO, Serafim da. História da língua portuguesa. 5 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988. p. 581-593.

TARALLO, Fernando. (1985). *Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro : mudanças sintáticas aleatórias*. In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: editora da Unicamp, 1993. p. 35-68.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.

VALIN, Robert D. Van Jr. *An Introduction to Syntax*. United Kingdom, Cambridge, University Press, 2001.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William and HERZOG, Marvin I. *Empirical Foundations for a Theory of Language*. In: LEHMANN, W. P. e MALKIEL, Y. (eds). *Directions for Historical Linguistics*. Austin & London: University of Texas Press. 1968. p. 95-188.